



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**MERCÚRIO RETRÓGRADO: DO HORÓSCOPO À
POPULARIZAÇÃO DOS CONCEITOS ASTROLÓGICOS NA
COMUNICAÇÃO**

LUANA FERNANDA BENEDITO

Rio de Janeiro

2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**MERCÚRIO RETRÓGRADO: DO HORÓSCOPO À
POPULARIZAÇÃO DOS CONCEITOS ASTROLÓGICOS NA
COMUNICAÇÃO**

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social – Jornalismo.

LUANA FERNANDA BENEDITO

Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Cristiane Henriques Costa

Rio de Janeiro

2019

FICHA CATALOGRÁFICA

BENEDITO, Luana Fernanda.

Mercúrio retrógrado: do horóscopo à popularização dos conceitos astrológicos na comunicação. Rio de Janeiro, 2019.

Monografia (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo), Escola de Comunicação – ECO –, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

Orientador(a): Cristiane Henriques Costa

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Mercúrio retrógrado: do horóscopo à popularização dos conceitos astrológicos na Comunicação**, elaborada por Luana Fernanda Benedito.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Henriques Costa
Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação – UFRJ
Departamento de Comunicação – UFRJ

Prof. Dr. Márcio Tavares d’Amaral
Doutor em Letras (Ciência da Literatura) pela Faculdade de Letras – UFRJ
Departamento de Comunicação – UFRJ

Thiago Antunes da Silveira
Graduado em Jornalismo pela Faculdades Integradas Hélio Alonso – FACHA
Subeditor do jornal O Dia

Rio de Janeiro

2019

Para minha mãe, Maria Cecília, incentivadora de sonhos e luta
nesta jornada chamada vida.

Em memória dos que já viraram estrelas: vó Manoelina Menina
vô Manuel e tio Pepe.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos astros que me guiam e me acompanham nesta jornada cósmica.

Agradeço à minha mãe, por todos ensinamentos e esforço, que me permitiram chegar até aqui. Minha companheira nesta aventura chamada vida. Incentivadora de sonhos e luta.

Agradeço aos amigos que o Rio de Janeiro e a UFRJ me deram, especialmente Duda, Natasha, Rafael, Thamyres e Yuri, tão presentes e importantes neste processo.

Agradeço às minhas amigas de sempre e para sempre, Laura e Mariana. As que têm Vênus em Aquário e compreendem a importância de reinventar a realidade todos os dias.

Agradeço à Alice por ter sugerido o tema mais óbvio para este TCC, após eu mudar de objeto inúmeras vezes, bem ao estilo ascendente em Gêmeos.

Agradeço à minha orientadora, Cristiane Costa, por ter aceitado este desafio e ter me ensinado tanto sobre a pesquisa acadêmica e sobre mim mesma durante este trabalho. Agradeço também por sua empatia e generosidade ao longo da graduação.

Agradeço aos que já viraram estrelas, mas deixaram um tanto em mim. Meu avô Manuel. Meu tio Paulo, que cantava *Quem acredita sempre alcança*, nos meus dias menos otimistas. Esse trabalho é para dizer que alcancei, tio Pepe. E por fim, minha estrela maior, melhor amiga e heroína, minha avó Manoelina Menina.

Comigo as coisas não tem hoje e ant'ontem amanhã: é sempre.

Guimarães Rosa

BENEDITO, Luana Fernanda. **Mercúrio retrógrado: do horóscopo à popularização dos conceitos astrológicos**. Orientador(a): Cristiane Henriques Costa. Monografia (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2019.

RESUMO

O trabalho aborda a popularização dos conceitos da astrologia na comunicação a partir do crescimento das redes sociais. Por meio de uma contextualização histórica, a pesquisa apresenta como o horóscopo surgiu e se popularizou nos jornais impressos, revistas, almanaques, rádio e televisão no século XX, e como neste milênio conceitos restritos a estudiosos estão acessíveis nas ferramentas digitais. Como referencial teórico serão utilizados os autores Theodor Adorno, Roland Barthes e Edgar Morin que escreveram obras sobre a temática dos astros. Para os aspectos comunicacionais serão usados os teóricos Pierre Bourdieu, Michel Foucault e Manuel Castells.

Palavras-chave: astrologia; horóscopo, comunicação; internet, redes sociais.

SUMÁRIO

1. **INTRODUÇÃO**
2. **CONTEXTUALIZAÇÃO DA ASTROLOGIA**
 - 2.1. A astrologia no Brasil
 - 2.2. Os astros e o zodíaco
3. **O HORÓSCOPO NA MÍDIA**
 - 3.1. Astrologia de massa
 - 3.2. A descrença nos astros após a massificação do horóscopo
 - 3.3. O discurso do horóscopo nas revistas femininas
4. **ASTROLOGIA E REDES SOCIAIS**
 - 4.1. A popularização dos conceitos astrológicos
 - 4.2. Mercúrio nada retrógrado
5. **ASTROINFLUENCERS**
 - 5.1. Isabella Mezzadri
 - 5.2. Madama Brona ou Br000na
6. **CONSIDERAÇÕES FINAIS**
7. **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

1. INTRODUÇÃO

O trabalho *Mercúrio Retrógrado: Do horóscopo à popularização dos conceitos astrológicos na Comunicação* surge a partir da experiência pessoal da autora com o estudo dos astros e da reflexão que o meio utilizado para acessar a temática sempre foi a comunicação seja pelo papel, audiovisual, computador ou celular. A astrologia está presente nos jornais impressos; nas revistas semanais, quinzenais, mensais ou anuais; sites jornalísticos ou especializados no tema; redes sociais; e aplicativos.

Ao longo dos anos, a astrologia se adaptou aos diferentes meios de comunicação e suas linguagens. Atualmente, é possível acompanhar os trânsitos astrológicos através dos aplicativos, que informam, em tempo real, em que signo o Sol, a Lua, Vênus, Mercúrio, Marte, Júpiter, Saturno, Urano, Netuno, Plutão — que segue sendo um planeta regente na astrologia, mesmo com a expulsão do sistema solar pela astronomia —, estão, e como o “céu no momento” pode influenciar os diversos setores da vida.

As ferramentas digitais personalizam a experiência do indivíduo com os astros e também permitem o aprofundamento do conhecimento sobre a astrologia. No aplicativo *Astrolink*, por exemplo, leigos e estudiosos da temática podem acessar fóruns, bate-papos para dúvidas, descrição sobre cada casa zodiacal, planeta e signo. A informação sobre os astros também está acessível nas redes sociais: no *feed* e no *stories* do Instagram de uma *astroinfluencer*; em um vídeo curto ou longo sobre o assunto no YouTube; em uma página ou grupo no Facebook; ou em um perfil com memes dos signos no Twitter.

Por isso, o enfoque escolhido para a pesquisa foi a popularização da astrologia e dos seus conceitos, antes restritos aos astrólogos e estudiosos curiosos da temática, nas redes sociais. O trabalho tem como objetivo investigar esse fenômeno e contextualizar o estudo dos astros, desde o seu surgimento na Antiguidade, passando pelo nascimento do horóscopo e sua presença na mídia. E com isso, num nível teórico, compreender os efeitos da astrologia na comunicação.

A metodologia escolhida para o desenvolvimento deste trabalho será a revisão da literatura, por meio de teóricos da comunicação que poucos imaginam terem escrito sobre o tema astrologia: Theodor Adorno, com o livro *As estrelas descem à Terra*, Roland Barthes, no capítulo Astrologia, em *Mitologias*, e Edgar Morin, com a obra *O retorno dos*

astrólogos. Para entender a astrologia enquanto fenômeno comunicacional, recorreremos ao conceito de indústria cultural de Adorno e Max Horkheimer, desenvolvido em *Dialética do Esclarecimento*, Pierre Bourdieu, com a obra *Sobre a Televisão*, Michel Foucault, com *A ordem do discurso*, e Manuel Castells, com a *Galáxia da Internet e A sociedade em rede*.

O primeiro capítulo irá contextualizar a história da astrologia e como ela se desenvolveu no Ocidente, a partir dos escritos do sociólogo Edgar Morin e do historiador Kocku von Stuckrad. Dos primeiros registros na Mesopotâmia, com a divisão do céu em 12 faixas, à disseminação do seu conhecimento para o Egito, Grécia Antiga e Roma, que resultou nos signos solares que temos hoje: Áries, Touro, Gêmeos, Câncer, Leão, Virgem, Libra, Escorpião, Sagitário, Capricórnio, Aquário e Peixes.

O capítulo abordará ainda como o estudo dos astros ficou num limbo com a separação das áreas astrologia e astronomia, no século XVII, e como a temática retorna com força a partir de Carl Gustav Jung, com novas perspectivas para a astrologia moderna no início do século XX, com seu estudo dos arquétipos e seu conceito de sincronicidade. Para o psicanalista, a sincronicidade — eventos que geram uma coincidência significativa e se encontram ou ocorrem ao mesmo tempo, mas não possuem um elo entre si — seria uma nova maneira de explicar a astrologia.

O primeiro capítulo contextualizará também o estudo dos astros no País, a partir do livro *Astrologia no Brasil*, da historiadora Marília Suzuki, e das dissertações de mestrado *Discurso Astrológico e Narrativas do Céu*, das pesquisadoras de Ana Júlia Staudt e Titi Vidal. A primeira parte do trabalho também apresentará como o horóscopo diário criado por Birman na década de 30 — a partir do dia do nascimento, sem considerar, o ano, o horário e o local — resultou nas previsões diárias que temos hoje nos quadradinhos nos cadernos de entretenimento dos jornais e na última página das revistas.

No segundo capítulo será abordado como o surgimento do horóscopo resultará em uma astrologia de massa, com a presença intensa do discurso das previsões diárias em programas de rádio, na televisão e revistas. Como referencial teórico serão usados: Theodor Adorno e Max Horkheimer, Pierre Bourdieu, Michel Foucault e Edgar Morin.

O capítulo apresentará os conceitos de indústria cultural desenvolvido por Adorno e Horkheimer e sua relação com a astrologia. Neste mesmo tópico será utilizada a obra *As*

estrelas descem à Terra, em que Adorno faz uma crítica a partir de conceitos de erudição e semi-erudição, para justificar ou desacreditar nos astros. Edgar Morin será referenciado para explicar a astrologia de massa.

O trabalho de Pierre Bourdieu será utilizado como referencial teórico para estabelecer a relação entre a televisão, com a pressão por urgência, na era da audiência, com ideias pré-digeridas, pré-estabelecidas, e sua influência na forma de divulgar a astrologia.

Ainda neste capítulo será abordado o discurso astrológico presente nos horóscopos. O livro *A ordem do discurso*, de Michel Foucault, será usado como referencial teórico para contextualizar como a expressão falada ou escrita pode controlar ou limitar. No mesmo tópico, será apresentada a análise das pesquisadoras Ana Júlia Staudt e Danúbia Cordeiro que investigaram o discurso do horóscopo nas revistas feminina, *Capricho e Claudia*.

E por fim, o último tópico do segundo capítulo discorrerá sobre como a massificação afetou a descrença nos astros. Para isso, será usado como referencial Roland Barthes, que se debruçou em desconstruir os mitos construídos na cultura de massa após constatar que esses foram designados com falsas evidências e o senso comum tratavam como “natural”. No livro, o teórico da semiótica dedicou um pequeno texto à astrologia. O autor analisou o horóscopo semanal da revista *Elle* publicado na década de 50.

O trabalho também recorrerá a Adorno e suas conclusões após seu estudo de caso da coluna de astrologia do *Los Angeles Times*. Em *As estrelas descem à Terra*, o autor rechaçou o caráter comum e prático das previsões pessoais no horóscopo e a ausência de especulações sobre o destino da humanidade

No terceiro capítulo será abordada a popularização dos conceitos astrológicos a partir das redes sociais. O primeiro tópico apresentará como o horóscopo se torna coadjuvante nesta década, dando espaço para as previsões personalizadas e a partir desta mudança, temas como mapa astral, Mercúrio retrógrado, retorno de Saturno, inferno astral, entre outros, tornam-se populares.

Neste capítulo, serão apresentados dados que irão fundamentar o crescimento da busca por temas astrológicos na Internet, tais como retorno de Saturno e inferno astral, e o crescimento de acessos a portais especializados no assunto, como o *Personare*, maior portal de conteúdo para autoconhecimento, que tem como pilar a astrologia. Também será

abordado como os astrólogos estão despontando como influenciadores digitais com uma legião de seguidores nas redes sociais, e até uma nova terminologia foi criada para referenciá-los: *astroinfluencers*.

Como referencial teórico serão utilizados: Manuel Castells que defende que a Internet é hoje, o tecido das vidas e ela permite, pela primeira vez, a comunicação com muitos em um momento específico e em escala global; e a pesquisadora Daniela Osvald Ramos, que estudou as interações virtuais na busca por astrologia em sua dissertação de mestrado, *Astrologia online*.

O terceiro capítulo apresentará ainda a popularização da astrologia por meio de um fenômeno desta década, o meme. Atualmente, são diversas as páginas dedicadas aos signos, mas que seus conteúdos são todos produzidos a partir do humor, da ironia, do viral, caracterizado pelos memes. O escopo teórico será do pesquisador Viktor Chagas, que se debruçou em pesquisar essa nova forma de comunicar nas redes e quais são as suas consequências na vida real.

No quarto e último capítulo será apresentado o conceito de *astroinfluencer* e quem são os astrólogos influenciadores, como Chani Nicolas, Isabella Mezzadri e Madama Brona, e como tem sido a relevância deles em divulgar o estudo dos astros nas redes sociais. Para isso, serão apresentados os perfis das maiores *astroinfluencers* brasileiras: a precursora Isabella Mezzadri, filha de astrólogo, que sempre se relacionou com o estudo e tem disseminado uma nova corrente da astrologia na web, a astrocartografia; e a queridinha dos *millennials*, Madama Brona ou Br000na, que usa dos memes para compartilhar as previsões astrais.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA ASTROLOGIA

Ao longo da história, os homens têm usado os mais diversos métodos para estudar o céu. Segundo o historiador Kocku von Stuckrad (2007), em seu livro *História da astrologia*, há indícios da presença do estudo dos astros desde a Idade do Bronze, aproximadamente 3 mil anos antes de Cristo. No entanto, registros do período Neolítico, cerca de 10 mil anos atrás, já dão conta de relógios baseados na posição do sol e das estrelas que ajudavam tribos na preparação para o inverno e na orientação da plantação e a colheita. Por isso, o interesse do homem pelo céu acompanhou civilizações antigas, como sumérios, babilônios, caldeus, egípcios, assírios, gregos, romanos, incas, maias e chineses.

Em *Filhos do céu*, o sociólogo Edgar Morin escreveu que desde os primórdios da história, o homem preocupou-se, encantou-se e inquietou-se pelo céu estrelado. “A sociedade humana sempre buscou inscrever-se no cosmo e inscrever o cosmo em si mesma” (MORIN, 2008, p. 11). De acordo com o autor, os astros desempenharam papel fundamental para diversos grupos na Antiguidade, antes mesmo do surgimento do que, atualmente, se denomina astrologia. “A ordem cósmica era ao mesmo tempo modelo e garantia da ordem social” (MORIN, 2008, p. 15).

Desde a Antiguidade, as sociedades humanas elaboraram concepções a respeito de um universo no qual cada uma delas se inscrevia. Essas sociedades modelaram sua organização de acordo com a ordem cósmica: seus calendários foram estabelecidos com base nos ciclos solares e lunares (MORIN, 2008, p. 9).

Na Mesopotâmia, região onde é o atual Iraque, arqueólogos encontraram durante escavações tabuletas de argila – datadas de 1 mil anos a.C – com previsões de eclipses solares e lunares. No local, os estudiosos encontraram também mapas astrais feitos por assírios e babilônios, que relacionavam mudanças no céu a fenômenos naturais, como tempestades e secas. Segundo Stuckrad (2007), a partir dos estudos feitos pelos povos antigos, foi possível descobrir as relações entre os ciclos celestes e o que acontece na Terra.

A maioria dos estudiosos aponta que a astrologia Ocidental, ou Clássica — conhecida e praticada até hoje através dos seus 12 signos — nasceu na Mesopotâmia a partir de um sistema que cruzava os ciclos solares e lunares com os demais astros. Neste

método, o céu era repartido em 12 faixas e os povos anotavam suas repetições. O conhecimento teria sido disseminado dessa região para o Egito, dali para a Grécia Antiga e depois Império Romano.

A origem do zodíaco, como nós conhecemos, reside nesse problema astronômico simples. No século V a.C., passou-se a dividir a eclíptica, ou seja, a faixa na qual o Sol se desloca no decorrer do ano em doze segmentos de igual tamanho, cada um desses segmentos foi, por sua vez, dividido em 30 graus, o que resulta em uma extensão total da eclíptica de 360 graus (STUCKRAD, 2007, p. 69).

O zodíaco, do grego “círculo de animais”, era uma faixa imaginária do firmamento celeste que marcava a trajetória do Sol. Dentro dessa trajetória, cada constelação por onde o astro passava simboliza um signo: Áries, Touro, Gêmeos, Câncer, Leão, Virgem, Libra, Escorpião, Sagitário, Capricórnio, Aquário e Peixes.

Stuckrad (2007) definiu a astrologia clássica como o desenvolvimento do estudo dos astros babilônico no período greco-romano até se tornar, nos primeiros séculos da era cristã, a principal disciplina a se ocupar com a interpretação da realidade. Neste período, a astrologia e a astronomia andavam juntas. Elas seguiram interligadas até o século XVII e não havia distinção entre as atividades de astrônomos e astrólogos.

Em *O retorno dos astrólogos*, primeira obra que Morin se dedicou a temática da astrologia, o teórico afirmou que o nascimento da astronomia moderna coincide com o renascimento da astrologia.

os próprios astrônomos modernos Copérnico (1473-1543), Kepler (1571-1630), praticavam a astrologia. Assim, e paradoxalmente, os homens do Renascimento não estabeleciam uma autêntica oposição, um século antes do seu divórcio, entre Astronomia e astrologia. A astrologia, a magia, a Astronomia, a medicina eram consideradas ciências empíricas (MORIN, 1972, p. 21).

Nomes como Galileu Galilei e Johannes Kepler, faziam previsões astrais além dos seus estudos e descobertas para a área das Ciências Exatas. “Outrora, porém, inseparável da Astronomia, a Astrologia estabelecia a influência direta dos planetas, não apenas sobre o destino dos indivíduos, mas, também, sobre o das sociedades” (MORIN, 2008, p. 10).

Na astrologia, os primeiros astros descobertos pela astronomia exerceriam influência sobre cada dia da semana. O Sol ao domingo, a Lua à segunda-feira, Marte à terça-feira, Mercúrio à quarta-feira, Júpiter à quinta-feira, Vênus à sexta-feira e Saturno ao Sábado. Em diversos idiomas, inclusive, os nomes dos dias da semana evocam os planetas que os regem. A segunda-feira, por exemplo, o Dia da Lua, está no inglês *monday* – *moon* (Lua) e *day* (dia). No alemão *montag* - *mond* (Lua) e *tag* (dia). E nas línguas latinas, em francês *lundi*; no espanhol *lunes*; no italiano *lunedì*; no romeno *luni*; a única exceção é o português¹.

No entanto, após a separação da astronomia e da astrologia, com o nascimento da ciência moderna e com o Iluminismo, a primeira ganharia o *status* de ciência e a segunda de não-ciência.

A astrologia foi rechaçada como superstição, simultaneamente, pelo cristianismo e pelo racionalismo científico. Só conseguiu reconquistar seu espaço no contexto da subjetividade individual, único lugar em que lhe foi reconhecida alguma objetividade. A sociedade não se encontra mais inscrita no cosmo e, a partir do século XIX, foi forçada a inserir-se em um devir irresistível que lhe promete o controle do mundo (MORIN, 2008, p. 12).

Embora, a astrologia nunca tenha sido deixada de ser praticada, os seus ensinamentos ficaram num limbo até o século XX. O cenário muda quando Carl Gustav Jung introduz a astrologia na psicanálise. O psiquiatra abordou a temática em obras como *O espírito na arte e na ciência*, *Sincronicidade* e *O segredo da flor de ouro: um livro de vida chinês*, que escreveu com Richard Wilhelm. Para Jung² (2012), o estudo dos astros representa a soma de todo o conhecimento psicológico da Antiguidade.

Em seus postulados, o autor transformou os doze signos do zodíaco em arquétipos, ou seja, padrões ou modelos psicológicos que vivem no inconsciente coletivo, e postulou um novo conceito, que seria uma nova maneira de explicar a astrologia: a sincronicidade.

¹ O termo feira, vem de feria, que, em latim, significa “dia de descanso”, e passou a ser empregado no ano 563, na cidade de Braga, em Portugal, após o bispo Martinho de Braga decidir que os nomes dos dias da semana usados até então, em homenagem a deuses pagãos, deveriam mudar. Disponível em <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/por-que-os-dias-da-semana-tem-feira-no-nome/>> Acesso em 15/08/2019

² Comentário de Carl Gustav Jung no prefácio do *Segredo da Flor de Ouro* (1929)

Segundo Jung (2002), a sincronicidade consiste em eventos que geram uma coincidência significativa. Os acontecimentos se encontram ou ocorrem ao mesmo tempo, mas não possuem um elo entre si. As coincidências estariam conectadas a todas as outras coisas através de fios invisíveis.

Embora a interpretação psicológica dos horóscopos seja uma matéria ainda muito incerta, contudo, atualmente há a perspectiva de uma possível explicação causal, em conformidade, portanto com a lei natural. Por conseguinte, não há mais justificativa para descrever a Astrologia como um método mântico³ (JUNG, 2012, p. 91).

No que diz respeito à Astrologia, Jung (2012), pressupõe que o tempo possui uma qualidade determinante e é possível que esta qualidade esteja ligada a possibilidade das posições zodiacais representarem uma causalidade:

A sincronicidade designa o paralelismo de espaço e de significado dos acontecimentos psíquicos e psicofísicos, que nosso conhecimento científico até em si nada explica; expressa apenas a presença de coincidências significativas que, em si, são acontecimentos causais, mas tão improváveis, que temos de admitir que se baseiam em algum princípio ou em alguma propriedade do objeto empírico (JUNG, 2012, p. 94).

Conforme Jung (2012), o estudo feito por ele conclui que “ou a psique não pode ser localizada espacialmente, ou que o espaço é psiquicamente relativo” (JUNG, 2012, p. 94). E ele reforçou sobre a astrologia: “não preciso enfatizar que a constelação deste fato em consequências de longo alcance” (JUNG, 2012, p. 94).

No entanto, o grande responsável para a popularização da astrologia é a publicação do horóscopo⁴ em almanaques, jornais e revistas a partir do ano de 1930.

2.1. A astrologia no Brasil

No Brasil, a astrologia chega com a expedição de Pedro Álvares Cabral, em 1500, conforme o jornalista Getúlio Bittencourt, no livro *À luz do céu profundo*. Segundo

³ Arte de adivinhar ou fazer profecias, segundo o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa

⁴ O tema será melhor desenvolvido pela autora no terceiro capítulo

Bittencourt (1998), entre os milhares de marinheiros estava o astrólogo e navegador mestre João de Castilha, que foi um dos primeiros ocidentais a usar o astrolábio⁵ como ferramenta de navegação astronômica.

Na dissertação de mestrado, *Narrativas do céu: a presença da astrologia nos meios de comunicação*, defendida em 2015 na Faculdade Cásper Líbero, a pesquisadora Titi Vidal contou que, com a chegada dos portugueses ao Brasil, a astrologia passa a se desenvolver com os almanaques vindos da Europa no século XVI e já no século XVIII, havia almanaques elaborados para o Rio de Janeiro. No século XIX, o material chega à Bahia, com o *Almanaque para a cidade da Bahia*, e em São Paulo, *Almanak da Província de São Paulo*, que “começa com um capítulo intitulado Calendário, no qual há uma longa descrição sobre a divisão do tempo e os ciclos do Sol e da Lua, bem como a relação entre eles de acordo com as Luas Novas” (VIDAL, 2015, p. 35).

Para cada mês, o Almanak tem a imagem do signo daquele período, bem como data e hora do ingresso do Sol neste signo. Além disso, ele apresenta data e hora (minuto e segundo) de cada fase lunar para aquele mês. Por exemplo, para janeiro daquele ano (1873) ele conta que “Entra o Sol em Aquário às 19, às 7 horas 37’39” da tarde” (VIDAL, 2015, p. 35).

As lojas maçônicas teriam sido importantes para plantar a semente do estudo dos astros, por meio de maçons que pesquisavam a temática e para a França e Inglaterra. Em 1909, foi fundado o Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento, pelo português Antônio Olívio Rodrigues, responsável por um dos livros mais importantes sobre o assunto.

Segundo a pesquisadora Ana Júlia Staudt, em sua dissertação *Discurso astrológico: condições de produção e interdiscurso no horóscopo das Revistas Capricho e Claudia*, defendida em 2017 na Universidade do Estado da Bahia, a popularização da astrologia no Brasil acontece a partir da década de 50, com as previsões zodiacais divulgadas no rádio e posteriormente pela televisão.

O astrólogo Omar Cardoso foi um dos responsáveis pela divulgação dos astros através do seu programa na rádio Bandeirantes e de assinar colunas em importantes

⁵Antigo instrumento náutico, em forma esférica ou de círculo graduado, usado para observar e determinar a altura do Sol e das estrelas, além de medir a latitude e a longitude do lugar onde se encontra o observado

publicações. “O seu horóscopo anual tinha tiragem de 300 mil exemplares e o horóscopo diário era publicado em 140 jornais, o que não era pouco para aquela época” (STAUDT, 2017, p.15).

No livro *Astrologia no Brasil*, a historiadora Marília Maneschy Suzuki afirmou que Omar “teve uma contribuição decisiva no ‘renascimento’ da astrologia para o grande público” (SUZUKI, 2007, p. 34). Para a autora, o período de 1950 a 1959 “pode ser considerado como o início do despertar da Astrologia para o grande público leitor de revistas e jornais” (SUZUKI, 2007, p. 35).

O astrólogo Assuramaya é outro importante nome na astrologia brasileira. De acordo com Suzuki (2007), ele produziu a partir da década de 50, por dez anos, uma coluna dominical de página inteira no jornal *O Dia* com a temática e apresentou um programa na Rádio Nacional, no lugar de Omar.

Já a partir da década de 1960, apontou Vidal, muitas matérias sobre o estudo dos astros foram publicadas em jornais “sendo que nos anos 1990 foi dado grande espaço aos artigos mais complexos e profundos sobre o tema, apesar das críticas à astrologia que também estiveram presentes durante todo esse período” (VIDAL, 2015, p. 36).

2.2. Os astros e o zodíaco

O horóscopo natal, ou mapa astral ou natal, é gerado a partir da data, hora e local do nascimento. É como se no momento em que a pessoa nascesse fosse tirada uma fotografia do céu com todos os trânsitos vigentes. Os signos estão nos planetas, e os planetas em casas astrológicas.

De acordo com Frances Sakoian e Louis Acker (1993), no livro *O Manual do Astrólogo*, o mapa representa 360°. No entanto, os estudiosos dos astros dividem este caminho em doze setores de 30°, que são os doze signos solares. Ainda conforme os autores, o primeiro signo foi determinado pelo equinócio de primavera, no Hemisfério Norte, e pelo equinócio de outono, no Hemisfério Sul.

Esse momento é conhecido como 0° de Áries, que é o signo solar dos nascidos entre 19 de março a 21 de abril. Posteriormente, vem Touro, entre 20 de abril a 20 de maio; Gêmeos, de 21 de maio a 21 de junho; Câncer, de 22 de junho a 22 de julho; Leão, de 23

de julho a 22 de agosto; Virgem, de 23 de agosto a 22 de setembro; Libra, de 23 de setembro a 23 de outubro; Escorpião, de 24 de outubro a 21 de novembro; Sagitário, de 22 de novembro a 21 de dezembro; Capricórnio, de 22 de dezembro a 19 de janeiro; Aquário, de 20 de janeiro a 18 de fevereiro; Peixes, de 19 de fevereiro a 20 de março.

Quatro elementos da natureza regem os signos em quatro grupos. O Fogo, que representa ação e criatividade, ficou com Áries, Leão e Sagitário; a Terra, representante da praticidade, com Capricórnio, Touro e Virgem; o Ar, que corresponde ao intelecto e a comunicação, de Libra, Aquário e Gêmeos; a Água, que simboliza as emoções, com Câncer, Escorpião e Peixes.

Os signos também têm três qualidades e eles estão divididos em três grupos: Cardinal, com Áries, Câncer, Libra e Capricórnio; Fixo, com Touro, Leão, Escorpião e Aquário; Mutável, com Gêmeos, Virgem, Sagitário e Peixes.

Além disso, todos os signos têm um planeta regente. Na astrologia tradicional⁶, segundo Sakoian e Acker (1993), os signos e os planetas estão relacionados da seguinte forma: Áries - Marte; Touro - Vênus; Gêmeos - Mercúrio; Câncer - Lua; Leão - Sol; Virgem - Mercúrio; Libra - Vênus; Virgem - Mercúrio; Libra - Vênus; Escorpião - Marte; Sagitário - Júpiter; Capricórnio - Saturno; Aquário - Saturno; Peixes - Júpiter.

Já na astrologia moderna⁷, conforme Sakoian e Acker (1993), há uma alteração na regência de alguns signos: Escorpião passa a ser regido por Plutão; Aquário por Urano; Peixes por Netuno.

Cada signo recebeu o nome da constelação que simbolizava e a ele foi atribuído características na personalidade de seres mitológicos, de acordo com o pesquisador dos astros Roberto Sicuteri (1994), no livro *Astrologia e Mito*:

☉ Áries - na mitologia grega, Frixo, filho do rei Atamas, ia ser assassinado pela madrasta quando foi salvo por um carneiro com lã de ouro, enviado por sua mãe. O carneiro foi sacrificado e sua lã enterrada no pomar de Ares, deus da guerra, que deu nome ao signo

♉ Touro - a imagem do touro vem de um mito grego em que Zeus, o chefe dos deuses, teria assumido a forma do animal para atrair uma princesa

⁶ Na astrologia tradicional, a análise é pragmática e objetiva

⁷ A astrologia moderna aborda aspectos psicológicos em sua análise astral

♊ Gêmeos - os irmãos Castor e Pólux, filhos de Zeus, apaixonaram-se por duas garotas comprometidas e desafiaram os rivais. Castor morreu no combate e Pólux pediu ao pai que o matasse também. Em memória da amizade dos filhos, Zeus colocou a imagem dos gêmeos no céu

♋ Câncer - Do latim *cancer*, quer dizer caranguejo. O animal aparece em um dos 12 trabalhos de Hércules. Enviado por Hera, a esposa oficial de Zeus, o caranguejo foi morto pelo herói, mas a coragem do bicho lhe valeu uma imagem celeste por toda a eternidade

♌ Leão - Mais uma criatura morta por Hércules. O herói não só estrangulou a besta com as próprias mãos como fez um manto com sua pele. Em homenagem ao grande feito, Zeus desenhou com estrelas a forma do animal no céu

♍ Virgem - Para os romanos, a constelação representava Virgo, a deusa da Justiça. Ela teria sido o último ser celestial a subir para a morada dos deuses. Minerva, deusa da sabedoria, teria colocado uma imagem no céu em sua homenagem

♎ Libra - Identificada pelos romanos, simboliza a balança usada por Virgo para pesar a alma dos homens em seu caminho para o mundo subterrâneo ou para o céu, determinando prazer ou dor eterna

♏ Escorpião - Essa constelação aparece no episódio da morte do gigante Órion. Apoi, deus grego das profecias, ficou enciumado pela amizade de sua irmã Ártemis com o gigante e enviou um escorpião para mordê-lo. Zeus pôs o animal e a estrela Órion no céu como lembrança da história

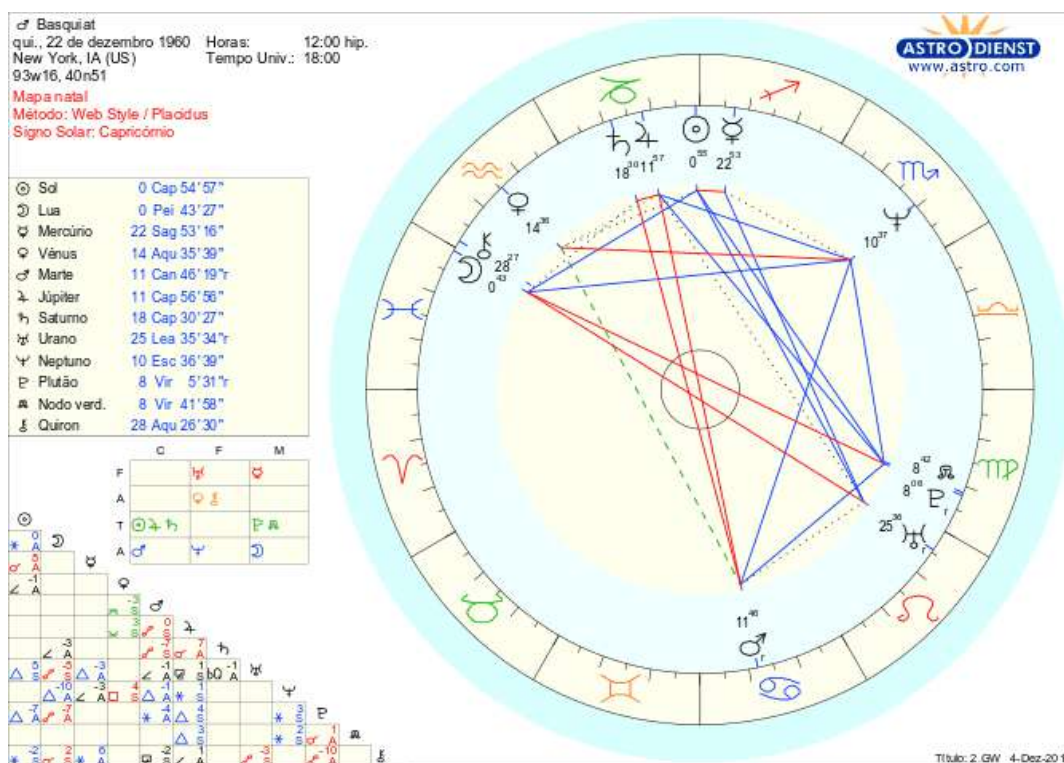
♐ Sagitário - pela mitologia grega, Chiron era o mais sábio dos centauros, uma criatura meio homem, meio cavalo. Foi morto ao ser atingido acidentalmente por uma flecha de Hércules e foi homenageado por Zeus com uma constelação

♑ Capricórnio - nas lendas gregas, a cabra que simboliza o signo tem rabo de peixe. É uma representação de Pan, deus da natureza que, para fugir do titã Tifon, jogou-se na água. Pan morreu porque, enquanto se transformava em peixe, estava com metade do corpo para fora da água

♒ Aquário - é um dos signos aquáticos dos babilônios, ao lado de Capricórnio e Peixes. No Oriente Médio, o mês de aquário seria correspondente ao período das chuvas

♋ Peixes -Pela lenda grega, Afrodite, deusa do amor, e seu filho Eros teriam se transformado em peixes para escapar do titã Tifon, que não suportava a água. Atena, deusa grega da sabedoria, criou a constelação para lembrar a fuga

Imagem 1: Exemplo de mapa astral



Fonte: Astrodienst⁸

O signo solar, que costuma ser o mais conhecido, indica em que setor o Sol se encontrava no dia do nascimento. Ele seria a principal posição no céu e definiria aspectos fundamentais da personalidade de cada indivíduo. Além do signo solar, há também o signo lunar definido pela posição da Lua no momento do nascimento de uma pessoa. Segundo a astrologia, ele define aspectos íntimos, as emoções mais profundas e ocultas da personalidade. Já o signo ascendente, é definido pela constelação que surgia no horizonte no momento do nascimento de alguém, em direção a leste. Ele influencia, conforme os astros, as ações tomadas ao ter que fazer algo pela primeira vez.

Por exemplo, uma pessoa nascida no dia 22 de dezembro de 1989 às 18h05. Ela tem o signo solar em Capricórnio, que é definido pelo período do nascimento. A Lua em

⁸ Disponível em <https://www.astro.com/>. Acesso em 23/10/2019

Escorpião, que é definida pela posição da Lua no dia, e o ascendente em Gêmeos, que era a constelação que surgia no horizonte no horário do nascimento.

Além do ascendente, do Sol e Lua, no mapa natal há ainda os planetas: Mercúrio, relacionado ao raciocínio e a inteligência humana. Astro da comunicação e do comportamento mental; Vênus: é o representante da beleza e do amor e diz respeito sobre como as pessoas se relacionam afetivamente; Marte: é sobre questões que exigem esforço e conquista. O signo neste planeta vai mostrar como funciona o espírito de luta.

Júpiter, por sua vez, diz sobre onde o indivíduo vai buscar sentido para a existência. O planeta revela as questões relacionadas a crescimento pessoal, fé, filosofia e o sentido de Justiça; Saturno fala sobre a representação das inseguranças e valores morais. É também sobre poder de determinação, regras e as escolhas morais; Urano representa a revolução e o espírito de mudança; em Netuno as relações com a espiritualidade são mostrada; Plutão⁹ representa as questões relacionadas à morte e ao renascimento.

Além dos planetas, o mapa astral também é constituído por casas que dividem o horóscopo em doze segmentos. De acordo com Sakoian e Acker (1993), cada casa está relacionada a um signo do Zodíaco.

Entretanto, as casas são definidas pela rotação de 24 horas que a Terra faz sobre seu eixo, enquanto os signos do Zodíaco são definidos pela revolução anual da Terra ao redor do Sol. Como os signos, as casas também são divididas por linhas chamadas cúspides. A cúspide da Primeira Casa, ou Ascendente, é encontrada determinando-se o ponto no espaço onde o horizonte oriental, na hora e no local de nascimento, intercepta a eclíptica. Assim, a qualquer um dos doze signos que se encontram ao longo da eclíptica pode ser encontrado no horizonte oriental. Portanto, a hora e o local do nascimento determinam qual dos doze signos estará ascendendo (SAKOIAN; ACKER, 1993, p. 20).

A Casa I corresponde ao “eu sou”, a personalidade que se mostra, o exterior. A Casa II é relacionada ao dinheiro e aos bens materiais. A Casa III aos pensamentos, educação primária e pequenas viagens. A Casa IV está relacionada ao arquétipo da mãe e a moradia. A Casa V aos filhos, lazer e criatividade. A Casa VI diz respeito ao trabalho, rotina e saúde. A Casa VII aos relacionamentos afetivos e também parceiros de trabalho. A

⁹ Em agosto de 2006, Plutão deixou de ser um planeta do Sistema Solar. No entanto, a astrologia entende que planeta é qualquer corpo celeste que se move, e mantém o luminar nos mapas astrais

Casa VIII é sobre transformações, profundidade, morte, sexualidade e heranças. A Casa IX se relaciona com grandes estudos, filosofia de vida e grandes viagens. A Casa X está relacionada ao arquétipo do pai e carreira. A Casa XI é sobre amizades e intelectualidade. Já a Casa XII, é sobre missão e espiritualidade.

3. O HORÓSCOPO NA MÍDIA

A atual versão do horóscopo é uma mistura de influências da astrologia, matemática e filosofia. Conforme o historiador Stuckrad (2007), no período de 1500 antes da nossa Era um texto logo viria a se tornar uma das obras de consulta mais importantes para os astrólogos: o Almanaque Babilônico. O historiador conta que ele foi sendo copiado, aprimorado e adaptado a outros questionamentos. Um anexo, chamado *Horóscopo de Assur*, foi criado com finalidade religiosa e apresentava qual dia seria ideal para levar oferendas de pão e para qual divindade, segundo Stuckrad.

O Almanaque divide o ano solar em doze meses de trinta dias cada, procedendo, portanto, de forma diferente da utilizada, via de regra, nos cultos do calendário lunar. Para cada um dos 360 dias do ano, consta uma avaliação que vai de informações bastante gerais como "apropriado", "desapropriado" e "parcialmente apropriado" a dicas concretas de natureza prática (STUCKRAD, 2007, p. 50)

Em seu livro *Astrologia no Brasil*, a historiadora Marília Maneschy Suzuki (2007) explica que o almanaque foi uma das formas mais antigas de publicações dirigidas às pessoas simples. A pesquisadora reforça a tese de Stuckard de que o documento era uma fonte de pesquisa para o povo e nele havia desde indicações de plantio para os agricultores a calendário de lunações e eclipses.

Somente em 1913 foi feito o primeiro horóscopo diário, tal como conhecemos hoje. Baseado apenas no signo solar, ou seja, levando em considerando apenas o dia de nascimento, desconsiderando o horário e local de nascimento. De acordo com Staudt (2017), ele foi criado pelo faquir Birman, pseudônimo do francês Charles Fosse.

Fossez traçou um horóscopo em sessão pública, na sala Wagan, numa jaula de animais ferozes, onde havia muitos ratos famintos; a ratoeira abriu-se acidentalmente, e os ratos espalharam-se entre o público. Depois desse incidente e de outros eventos promocionais, tal como a distribuição de horóscopos na prova ciclista de Tour de France, uma estação de rádio parisiense pediu-lhe que divulgasse no ar o horóscopo do dia. Essa iniciativa foi logo seguida pelo diário *L'intransigeant*, primeiro órgão da imprensa escrita do mundo a divulgar um horóscopo ; todos os suportes que relatam o aparecimento do primeiro horóscopo assim o contam, e

esse estudo astrológico foi denominado de astrologia vulgar/popular (STAUDT, 2017, p. 86).

Conforme Titi Vidal, em sua dissertação de mestrado *Narrativas do Céu*, quem pensou no modelo escrito hoje nas publicações de jornais, almanaques e revistas, que individualizou as previsões, no entanto, foi Alan Léo¹⁰. Segundo Vidal (2015), a primeira coluna de astrologia, nos Estados Unidos surgiu em 1931 na revista *Boston Record*, e as primeiras previsões para cada signo solar, em 1936 no *New York Post*.

Um exemplo de horóscopo dos anos 1930 é o escrito por Richard Harold Naylor (1889-1952) no *New York Post*, que continha textos como “nascidos em 27 de agosto... você vai encontrar vida romântica interessante”, ou “29 de agosto... dificuldades familiares são resolvidas”, ou “24 de setembro... sorte para os investimentos” (VIDAL, 2015, p. 70)

De acordo com Vidal (2015), em 1945 cerca de 150 jornais tinham colunas sobre o assunto e já em 1975, o número chega a 1.250 dos 1.500 jornais americanos com colunas diárias sobre o assunto. Já na década de 60, a previsão de diária se insere no rádio, na Europa, com a presença de um astrólogo e posteriormente, na televisão.

Em *O retorno dos astrólogos*, livro organizado por Edgar Morin, o cientista social Claude Fischler, coautor da obra, contou que a partir de 1970, Madame Soleil¹¹ passa a ter um programa no qual respondia perguntas sobre o futuro feitas pelo telefone através de seus horóscopos, que eram calculados na hora, conforme Fischler (1972).

Após o horóscopo se inserir no jornal, no rádio e na TV, ele se populariza e mantém a mesma característica nas mídias ao longo dos anos: texto curtos e pouco especulativo. Conforme Fischler (1972), no período entre guerras, desenvolveu-se a astrologia de imprensa, com grande divulgação e inserção, à medida que, os estudiosos dos astros começaram também começaram a fazer publicações confidenciais e especializadas sobre a temática.

Com isso, segundo Fischler (1972), passam a existir dois tipos de imprensa astrológica; a voltada para os estudiosos vive sem publicidade, atua como publicação independente; e a das previsões diárias tem grande difusão e com diversos anúncios

¹⁰ Astrólogo britânico conhecido como “o pai da astrologia moderna”

¹¹ Famosa astróloga francesa que atendia políticos e outras personalidades

comerciais integrando numa publicidade abundante e sincrética todos os sectores do oculto e do mágico” (FISCHLER, 1972, p. 36).

3.1. Astrologia de massa

Para Edgar Morin (1972), o período pós década de 1930 pode ser compreendido como “astrologia de massa”. O termo é uma analogia a cultura de massa - processo de mercantilização da cultura presente na indústria cultural - conceito desenvolvido em *Dialética do Esclarecimento*, pelos filósofos Theodor Adorno e Max Horkheimer.

Segundo Adorno e Horkheimer, na indústria cultural são produzidas ilusões padronizadas através do cenário cultural e artístico, elas se transformam em mercadorias voltadas para o lucro. “O poder da sociedade industrial é absorvido pelo cérebro dos homens”, (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 57).

E os filósofos completam: “A indústria cultural como um todo tem moldado homens como um tipo infalível reproduzido em cada produto”, (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 57). Conforme Adorno e Horkheimer, a indústria cultural transforma a imitação, repetição e a reprodução desta repetição em algo absoluto.

Reduzida ao estilo, ela trai seu segredo, a obediência à hierarquia social. A barbárie estética consome hoje a ameaça que sempre pairou sobre as criações do espírito desde que foram reunidas e neutralizadas a título de cultura. Falar em cultura foi sempre contrário à cultura. O denominador comum “cultura” já contém virtualmente o levantamento estatístico, a catalogação, a classificação que introduz a cultura no domínio da administração. Só a subsunção industrializada e conseqüente é inteiramente adequada a esse conceito de cultura. Ao subordinar da mesma maneira todos os setores da produção espiritual a este fim único: ocupar os sentidos dos homens da saída da fábrica, à noite, até a chegada ao relógio do ponto, na manhã seguinte, com o selo da tarefa de que devem se ocupar durante o dia, essa subsunção realiza ironicamente o conceito da cultura unitária que os filósofos da personalidade opunham à massificação (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 58).

Ainda de acordo com os autores, “a indústria cultural trapaceia perpetuamente sobre o que promete perpetuamente aos seus consumidores” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 59) através dos seus enredos e encenações. “Esta promessa é que o espetáculo está

baseado, numa ilusão: tudo confirma presentemente que a realidade nunca é alcançada, que o menu deve satisfazer o apetite do jantar” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 60).

No livro *As estrelas descem à Terra*, Adorno se debruça sobre a temática da astrologia e mobiliza a crítica social, além da psicanálise freudiana, para expor como a ideologia do capitalismo tardio tem a força traiçoeira de configurar até mesmo o que dizem os astros. Na obra, o teórico analisa o conteúdo da coluna sobre astrologia do jornal americano *Los Angeles Times*, na década de 1950:

De forma muito semelhante à indústria cultural, a astrologia tende a eliminar a distinção entre fato e ficção: seu conteúdo é muitas vezes exageradamente realista, ao mesmo tempo que sugere atitudes baseadas em fontes inteiramente irracionais, como o conselho de evitar fechar negócios em um determinado dia (ADORNO, 2008, p. 59).

Para Adorno, “a crença astrológica não é uma expressão espontânea” (ADORNO, 2008, p. 59) e sim “uma irracionalidade cuidadosamente preparada e pré-digerida” (ADORNO, 2008, p. 59). De acordo com o autor, os signos atuam sobre o indivíduo da mesma forma que o conteúdo do sonho. “Nessa medida, o termo ‘fábrica de sonhos’ aplicado aos filmes aplica-se à astrologia” (ADORNO, 2008, p. 59).

Na obra, o autor ainda usa como justificativa, para a crença ou descrença nos astros, os conceitos de erudição e semi-erudição, em alusão aos conceitos de baixa e alta cultura presentes na indústria cultural.

O semi-erudito tem uma vontade vaga de entender, e também é levado pelo desejo narcísico de se mostrar superior às pessoas simples, mas não está em uma posição tal que lhe permita empreender operações intelectuais complicadas e distanciadas. Para ele, a astrologia - da mesma forma que outras crenças irracionais, como o racismo - oferece um atalho, reduzindo o que é complexo a uma fórmula prática, e oferecendo, simultaneamente, uma agradável gratificação: o indivíduo que se sente excluído dos privilégios educacionais pode, ainda, assim pertencer a uma minoria que “está por dentro” (ADORNO, 2008, p. 51)

Conforme Adorno, o “clima cultural de semi-erudição oferece um solo fértil para a astrologia” (ADORNO, 2008, p. 50). Segundo o teórico, o indivíduo semi-erudito já perdeu a ingenuidade primária, entretanto, o poder do pensamento não foi ainda

desenvolvido suficientemente, e as previsões genéricas dos astros causam uma espécie de gratificação.

Para Adorno, “a astrologia comercial é especificamente concebida e construída de modo a satisfazer aquelas necessidades psicológicas que os astrólogos supõem que estão presentes em seu público” (ADORNNO, 2008, p. 61). Conforme o teórico, ela reforça por meio do discurso os procedimentos típicos da cultura de massas, como mecanismo de manipulação ideológica e dependência do seu público consumidor.

a coluna está em sintonia com a indústria cultural como um todo. A referência costumeira à "fábrica de sonhos", hoje empregada pelos próprios representantes da indústria cinematográfica, contém apenas uma meia-verdade - ela diz respeito apenas ao "conteúdo sonhado" superficial. Entretanto, a mensagem ou a "idéia latente" do sonho promovida pelos filmes e pela televisão reverte àquela dos sonhos de verdade. Trata-se de um apelo a agências de controle psicológico, em vez de uma tentativa de libertar o inconsciente (ADORNNO, 2008, p.77).

De acordo com Adorno, a moda de consultar os astros com a leitura dos signos pode ser entendida por meio da exploração comercial e da indústria cultural: “uma publicação como a coluna do *Los Angeles Times* é idêntica àquela que emerge dos filmes e da televisão, embora o tipo de pessoas aos quais ela está dirigida seja provavelmente diferente” (ADORNNO, 2008, p. 186).

Para Adorno (2008), um forte elemento de conexão da coluna de astrologia com o leitor é a narrativa que se assemelha ao roteiro de uma novela ou filme, e recorre a um termo já usado sobre a indústria cultural, na obra *Dialética do esclarecimento*, para se referir a fórmula dramática amplamente empregada na cultura de massas: *getting into trouble out again*¹².

Deve-se observar que o padrão ameaça-ajuda da coluna está relacionado de forma muito estreita com dispositivos bastante difundidos pela cultura de massa contemporânea. Herta Herzog¹³ apontou, em seu estudo “Sobre a experiência emprestada”, que os seriados ou novelas diurnos para mulheres geralmente seguem a fórmula “envolver-se em problemas e sair deles”, um dispositivo que, incidentalmente, também parece ser válido para o jazz, que constantemente trata de entrar e sair de algum tipo de

¹² Do inglês “meter-se em problemas e depois sair de novo”

¹³ Cientista social austro-americana especializada em estudos da comunicação

“aperto”. Esta fórmula é igualmente aplicável à coluna astrológica (ADORNO, 2008, p. 69).

A crítica social de Adorno aconteceu no momento em que a astrologia se disseminava por meio do horóscopo em texto, áudio e vídeo. No Brasil, as previsões diárias também estavam em alta e a partir dos anos 70, a televisão foi uma forma muito utilizada para a divulgação da previsão dos astros.

Na década de 80, o programa *TV Mulher*, da Rede Globo, trazia o horóscopo no quadro *Astrologia com Leiloca*. A fórmula também era seguida pelo programa *Mulheres*, da TV Gazeta. Já na década de 90, o astrólogo porto-riquenho Walter Mercado tornou-se uma personalidade do mundo esotérico na TV brasileira, ao fazer comerciais no SBT em que anunciava previsões astrais e usava o bordão “ligue djá”, com o sotaque hispânico.

“Com a televisão estamos diante de um instrumento que, teoricamente, possibilita atingir o mundo todo” (BOURDIEU, 1997, p. 19). Na obra *Sobre a Televisão*, Pierre Bourdieu defendeu que a TV vinha atendendo as lógicas de mercado e que muitas vezes, privilegiava o entretenimento, em detrimento da informação. “Ora, ao insistir nas variedades, preenchendo esse tempo raro com o vazio, com nada ou quase nada, afastam-se as informações pertinentes que deveria possuir o cidadão para exercer seus direitos democráticos” (BOURDIEU, 1997, p. 23).

As previsões astrais genéricas e sem espaço para o aprofundamento do conhecimento da astrologia em quadros de TV também podem ser inseridas de um outro conceito do sociólogo francês: a urgência do *fast thinking*¹⁴. Conforme Bourdieu (1997), o índice de audiência usado pelas televisões para monitorar seu desempenho frente à concorrência se transforma em uma pressão por urgência.

“E um dos problemas maiores levantados pela televisão é a questão das relações entre o pensamento e a velocidade” (BOURDIEU, 1997, p. 39). Segundo o teórico, a pressão pela urgência resulta na escolha de um alimento cultural pré-pensado, pré-digerido, rápido e distante da complexidade.

A resposta é, ao que me parece, que eles pensam por "ideias feitas". As "ideias feitas" de que fala Flaubert¹⁵ são ideias aceitas por todo mundo,

¹⁴ Traduzido do inglês é pensar rápido

¹⁵ Gustave Flaubert é um escritor francês do século XIX. Autor da obra *Madame Bovary*

banais, convencionais, comuns; mas são também ideias que, quando as aceitamos, já estão aceitas, de sorte que o problema da recepção não se coloca (BOURDIEU, 1997, p. 40)

Na mídia impressa brasileira, astrologia também teve seu espaço de destaque. De acordo com a pesquisadora Daniela Osvald Ramos (2012), em sua dissertação de mestrado *Astrologia on-line: um estudo da mediação tecnológica*, defendida em 2002 na Escola de Comunicação e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo, a revista *Horóscopo*, que circulou entre 1973 e 2001, com previsões para os doze signos do zodíaco. “Durante todo ano de 1974 a revista foi publicada mensalmente e a partir de abril desse ano passou a ter matérias de comportamento do ponto de vista astrológico” (RAMOS, 2002, p. 23).

A partir da década 80, outras revistas de astrologia começam a circular, como a *Guia Astral*, da Editora Alto Astral, do astrólogo e radialista João Bidu. Segundo Ramos (2002), entre 1985, ano do seu lançamento, e 1990, os números de vendas de 30 mil para 250 mil exemplares. As revistas do selo circulam até hoje. O horóscopo também ganha espaço cativo em publicações voltadas para o público feminino, como *Marie Claire* e *Vogue*.

3.2. A descrença nos astros após a massificação do horóscopo

Em *Mitologias*, Roland Barthes se debruçou em desconstruir os mitos construídos na cultura de massa após constatar que esses foram designados com falsas evidências e a imprensa, a arte e o senso comum tratavam como “natural”. No livro, o teórico da semiótica dedicou um pequeno texto à astrologia.

Na obra, Barthes (1975) foi crítico ao que se apresenta no horóscopo semanal da revista *Elle* publicado na década de 50. Conforme o autor, o horóscopo tinha previsões do destino centradas na vida laboral, nunca pretende perturbar uma vida e faz uso de terminologias genéricas como “inícios prometedores”, “desilusões” ou “escolhas erradas”.

Ao contrário do que se poderia esperar, não se depara com nenhum mundo onírico, mas sim com uma descrição estritamente realista de um meio social preciso, o das leitoras da revista. Ou seja, a astrologia não é, de modo nenhum, pelo menos neste caso, abertura para o sonho, é um puro espelho, pura instituição da realidade (BARTHES, 1975, p. 107).

Para o filósofo, a astrologia, no contexto do horóscopo, mais descreve do que prevê sobre o futuro. “Os astros não postulam nunca uma destruição da ordem, exercem a sua influência, moderadamente, semana após semana, respeitando social e o horários patronais” (BARTHES, 1975, p.107).

Conforme Barthes (1975), os astros compreendem no universo onírico e se ele faz mera descrição, ele situa-se entre a semi-alienação. Segundo o teórico, a astrologia é literatura do mundo pequeno-burguês.

Acerca do entretenimento, seja audiovisual ou escrito, Adorno e Horkheimer afirmaram que ser entretido significa estar de acordo. “A diversão faz-se possível apenas isolando-se da totalidade do processo social, fazendo-se bobo e renunciando da pretensão primeira de qualquer trabalho, mesmo o mais rudimentar: em sua restrição para refletir a totalidade.. Em sua raiz é impotência”(ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 70).

Em *As estrelas descem à Terra*, por sua vez, Adorno também rechaçou o caráter comum e prático das previsões pessoais no horóscopo e a ausência de especulações sobre o destino da humanidade. “É como se a esfera do indivíduo estivesse completamente separada daquela do ‘mundo’ ou do cosmos. O *slogan* ‘os negócios de sempre’ é aceito como um tipo de máxima metafísica” (ADORNO, 2008, p. 57).

Ainda conforme Adorno (2008), no horóscopo, mesmo quando as referências nas previsões são específicas , elas são gerais o bastante para se adequarem sem exceção:

todo mundo, algum dia, tem um palpite ou sensação do tipo indicado, ou pode retrospectivamente, sentir-se orgulhoso de si mesmo por já tê-lo tido, e todo mundo, especialmente o semi-erudito, aceita de bom grado ser caracterizado como proprietário de uma perspicácia especial. Assim o paradoxo da coluna é resolvido pelo expediente da pseudo-individualização (ADORNO, 2008, p. 63).

Edgar Morin (1972) também reafirmou que a astrologia se expande dentro de um contexto burguês:

Na verdade, é no âmago duma civilização burguesa individualista, duma civilização da vida privada, que se expande a astrologia moderna. Nesta civilização a cultura de massa insufla no indivíduo a libido do consumidor, faz brilhar diante dele os modelos de standing, de prestígio, incita-o a realizar-se na felicidade pessoal e no prazer (MORIN, 1972, p. 128).

Para Claude Fischler (1972), o horóscopo apresentado na imprensa é coletivo, genérico e impessoal, ou seja, não faz distinção entre indivíduos ou categorias de indivíduos. As previsões diárias não levam em consideração variáveis que distingue as pessoas sob a perspectiva cósmica, como por exemplo o horário e local de nascimento.

Ainda segundo Fischler (1972), o horóscopo é influenciado pela cultura de massa e sua generalização resulta em danos para a astrologia. Conforme o autor, a imprensa neste contexto das previsões diárias é a responsável por retirar a astrologia do ocultismo e a inserir nas massas.

Assim, a Astrologia, confinada até então ao consultório ou à banca de feira, dilata consideravelmente o campo de sua audiência depois da sua irrupção nos media. Enquanto o ramo da feira entra em decadência a consulta de gabinete tira proveito do cavalo de Troia dos mass-media: infiltra-se em todas as classes, penetra em todos os meios. (FISCHLER, 1972, p. 30).

Titi Vidal (2015) reafirmou que horóscopo reduz e simplifica a astrologia, apesar de divulgá-la para o público, eles são apresentados ns mídias com narrativas resumidas, sejam diárias, semanais ou mensais.

o horóscopo é a pior divulgação que a Astrologia poderia ter. Ele é genérico, superficial. Tenta encaixar um doze avos da população em duzentos ou trezentos caracteres, transformando um tema tão complexo em uma espécie de autoajuda e em algo muitas vezes sem sentido por conta de sua superficialidade. Para um leigo, ler um horóscopo de jornal leva a acreditar que a Astrologia é algo sem sentido, inventado ou simplesmente algo genérico demais. Ou seja, o horóscopo estereotipa e cria uma imagem distorcida do que é Astrologia (VIDAL, 2015, p. 29).

3.3. O discurso do horóscopo nas revistas femininas

O horóscopo ganhou as páginas das revistas femininas, como *Marie Claire*, *Claudia*, *Manequim*, *Vogue*, *Nova*, *Capricho*, entre tantas outras, no século XX e permanece até os dias atuais, com as previsões astrais. Neste tópico, serão apresentadas as

análises de discurso de duas revistas femininas feitas por duas pesquisadoras, Ana Júlia Staudt e Danúbia Cordeiro. No entanto, é necessário abordar como o discurso é construído.

No livro *A ordem do discurso*, o filósofo Michel Foucault, abordou como as diversas formas possíveis do discurso, seja pronunciado ou escrito, se dissemina em diferentes sociedades e exerce funções que são ao mesmo tempo “controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (FOUCAULT, 2004, p. 4). E o autor define discurso da seguinte forma:

Em suma pode-se supor que há, muito regularmente, nas sociedades, uma espécie de desnivelamento entre os discursos: os discursos que “se dizem” no correr dos dias e das trocas, e que passam com o ato mesmo que os pronunciou; e os discursos que estão na origem de certo número de atos novos de fala que os retomam, os transformam ou falam deles, ou seja, os discursos que, indefinidamente, para além de sua formulação, “são ditos” permanecem ditos e ainda por dizer. Nós o conhecemos em nosso sistema de cultura: são os textos religiosos ou jurídicos, são também esses textos curiosos, quando se considera o seu estatuto, e que chamamos de “literários”; em certa medida textos científicos (FOUCAULT, 2004, p. 22).

De acordo com Foucault (2004), a manifestação do discurso é colocada em procedimentos de controle e de delimitação que consistem em três blocos de exclusão, divididos em: exterioridade e interioridade. No exterior do discurso, tem-se a exclusão manifestada em três itens: interdição, se refere ao tabu do objeto, ao ritual da circunstância e ao direito privilegiado daquele que fala; a separação ou rejeição, onde é palavra só é concedida simbolicamente e o discurso cai no vazio; e a vontade de verdade, consiste na dualidade entre o verdadeiro e falso.

Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar (FOUCAULT, 2004, p. 10).

No artigo, *O gênero horóscopo em revistas femininas: os atravessamentos discursivos e a construção da imagem da mulher*, publicado em 2017, na revista *Discursividades* da Universidade Estadual da Paraíba, a doutora em linguística Danúbia Cordeiro afirmou que “horóscopo visa atender às novas identidades femininas, trazendo no dizer e no não dizer novas práticas, estilo de vida e característica da mulher moderna” (CORDEIRO, 2017, p. 45).

Cordeiro analisou o discurso da revista *Capricho*, voltada para jovens com idades entre 12 a 27 anos, e segundo ela, é “no horóscopo propriamente dito, num plano imagético, observamos a figura de uma jovem com um estilo próprio da idade” (CORDEIRO, 2017, p. 52). “Ao sugerir a “Moda Astral: A tiara que combina com seu signo”, traz em cada signo a imagem desse adereço feminino característico da vestimenta das leitoras” (CORDEIRO, 2017, p.52).

Imagem 2: Horóscopo publicado na revista *Capricho* em junho de 2017



Fonte: Capricho¹⁶

¹⁶ Disponível em <https://capricho.abril.com.br/>. Acesso em 23/10/2019.

Segundo Cordeiro, há uma abordagem do lazer, tendo em vista que é uma das formas do adolescente inserir-se socialmente e a sugestão é feita pelo horóscopo.

“Escute sons calminhos e relaxe curtindo letras fofas!”, que em sua materialidade discursiva infantiliza as leitoras; até a busca por divertimento para maiores de idade, como forma de acelerar o processo de inserção nas experiências do adulto, como sugere o horóscopo: “A sugestão é ir para a balada [...]”(CORDEIRO, 2017, p. 57)

A pesquisadora Júlia Staudt também analisou o discurso astrológico na revista *Capricho* e conforme a autora, “todas as seções apresentam uma linguagem com tom informal, como se fossem amigas íntimas conversando” (STAUDT, 2017, p. 40) e “observa-se como os temas encontrados nas sequências discursivas do horóscopo estão bem encaixados e confirmam a cultura de massa nas formas da sociedade” (STAUDT, 2017, p. 41).

No horóscopo de *Capricho*, por exemplo, identifica-se 18 como uma formação discursiva representada pela linguagem, conecta-se à formação imaginária a ideologia presente no dizer do sujeito astrólogo acerca do que circula na sociedade, por exemplo: “Na balada, seja responsável e não exagere. Há risco de surpresas, por isso é bom se cuidar [...]” (STAUDT, 2017, p. 17).

Em sua dissertação, Staudt também analisou o discurso astrológico da revista *Claudia*, voltada para a mulher adulta e encontrou elementos discursivos semelhantes ao da *Capricho*.

Os temas encontrados nas sequências discursivas do horóscopo estão bem encaixados às formas da sociedade e confirmam a cultura de massa. Na edição de dezembro de 2014, por exemplo, final de ano, a reverberação instalada, o fechamento de um ano e a perspectiva de um novo ano que, certamente, ainda será melhor. A chegada do Natal, que se caracteriza como uma festa cristã, mas que em nossa sociedade é voltada para o consumo, confirmado pela troca, quase obrigatória, de presentes (STAUDT, 2017, p. 48).

Segundo Staudt, as previsões na publicação adota linguagens semelhantes para assuntos semelhantes nas publicações: “o horóscopo, ao tratar do amor, procura, sempre,

indicar que há uma esperança e que todos os anos a astrologia olha para o mundo” (STAUDT, 2017, p. 48).

“Nas previsões zodiacais, observa-se que se ignoram os problemas da ordem do coletivo, político e econômico, e depreende-se que a vida materializada é de um ideal de felicidade, fundada em entretenimento-lazer, amor, trabalho e finanças” (STAUDT, 2017, p. 49). De acordo com a pesquisadora, o horóscopo das publicações reforça o bem-estar baseado no prazer e no consumo, para todos os signos zodiacais.

Conforme Staudt (2017), o discurso astrológico das previsões diárias acaba sendo mais sugestivo do que previsível. Viagens, festas, compra de presentes e cuidados com a saúde costumam estar entre os alertas. Segundo a autora: “o horóscopo explode na memória discursiva e irrompe no intradiscurso e na memória coletiva do conhecimento astrológico, devido ao fato de que, ao abrir da revista, os sentidos já são mobilizados, deixando a neutralidade de lado” (STAUDT, 2017, p. 150).

4. ASTROLOGIA E REDES SOCIAIS

O *boom* da astrologia a partir da segunda metade dos anos 2010 está diretamente relacionado ao crescimento da Internet e das redes sociais nesta década. Os conceitos dos astros, anteriormente, restrito a curiosos e estudiosos da área estão acessíveis, agora, em sites, aplicativos com conteúdos personalizados e cursos *online*. Até mesmo as notícias sobre a temática se especializaram.

Para o sociólogo Manuel Castells, no livro *A galáxia da Internet*, a web é hoje, o tecido das vidas e ela permite, pela primeira vez, a comunicação com muitos em um momento específico e em escala global. “Assim como a difusão da máquina impressora no Ocidente criou o que MacLuhan chamou de a ‘Galáxia de Gutenberg’, ingressamos agora num novo mundo de comunicação: a Galáxia da Internet” (CASTELLS, 2003, p. 8).

Ainda conforme Castells (2003), as interações na Internet resultam em comunidades digitais, bate-papos virtuais, entre outras ferramentas online. A web, conforme o autor, interfere no individual e no coletivo.

Os primeiros usuários de redes de computadores criaram comunidades virtuais [...], desenvolveram e difundiram formas e usos na rede: envio de mensagens, lista de correspondência, salas de Chat, jogos para múltiplos usuários, conferências e sistema de conferência. [...] essas comunidades trabalham com base em duas características fundamentais. A primeira é de valor da comunicação livre, horizontal [...] o segundo valor compartilhado que surge das comunidades virtuais é o que eu chamaria formação autônoma de redes (CASTELLS, 2003, p. 46).

No que diz respeito à astrologia, é no cenário das redes sociais que ela se populariza. Segundo dados do *Tubular Labs*¹⁷, ferramenta de monitoramento de redes sociais, entre 2016 e 2017, a temática dos astros cresceu 300% no *Twitter*. Já no *Facebook*, a busca pelo termo aumentou 116%, e no *YouTube*, a procura por vídeos sobre a temática teve alta de 67% no mesmo período.

Em entrevista à *GloboNews*, Luísa Loyola, uma das pesquisadoras de tendência da *WGSN*¹⁸, afirmou que práticas espirituais baseadas em cultura milenares têm sido adotadas

¹⁷ Disponível em <<https://tubularinsights.com/>> Acesso em 13/10/2019

¹⁸ Uma das líderes mundiais em previsão de tendências. A empresa londrina atua com mais de 250 especialistas, entre antropólogos e cientistas de dados, em todo mundo e promete mostrar o cenário futuro de

para tratamentos relacionados às questões mentais e físicas. Ela ainda destacou fatores como a incerteza econômica, crises políticas e descrença nas religiões tradicionais para um comportamento voltado para a espiritualidade¹⁹.

De acordo com Luísa Loyola à reportagem da *GloboNews*²⁰, os jovens, que vivem em grandes cidades, têm 24% maior probabilidade de acreditar em astrologia e horóscopos, conforme dados de 2017 de uma pesquisa da *WGSN*. Os são *millennials*²¹ são os mais interessados pela temática.

Em 1982, o estudo *People who consult astrologers: A profile*²², elaborado pelo psicólogo Graham Tyson, apontou que as pessoas tendem a recorrer para a Astrologia como uma resposta aos momentos de estresse. Contudo, uma pesquisa da *American Psychological Association*²³, de 2014, mostra que a faixa etária dos *millennials* é a geração mais estressada.

Uma pesquisa feita, em 2018, pelo *Peoplestrology*²⁴ demonstrou que os *millennials* são mesmo interessados pela temática, eles representaram 40% dos que acreditam plenamente em astrologia e tomam decisões baseadas na influência dos astros. As mulheres, de acordo com o relatório, representaram 44%, mas os homens não ficaram muito atrás com 35%²⁵.

Em entrevista ao portal *Uol*, Barbara Abramo, astróloga há mais de 40 anos, disse que se deu conta do aumento da busca por astrologia após notar o interesse do sobrinho de 25 anos no assunto:

Sei do interesse dos millennials pela astrologia através do meu sobrinho, de 25 anos. Ele me disse que, entre os amigos, quem não tem um mínimo

2 a 5 anos nas áreas de consumo, varejo e estilo de vida. Starbucks, NBC, Nickelodeon, Samsung, Nike e Adidas são alguns dos seus clientes

¹⁹ Disponível em <<https://glo.bo/2QXdgYe>> Acesso em 15/09/2019

²⁰ Disponível em <<https://glo.bo/2QXdgYe>> Acesso 15/09/2019

²¹ Conceito da sociologia para se referir à chamada geração do milênio, geração da internet ou geração Y, que compreende os nascidos após o início da década de 1980 e até ao final da década de 1990

²² Tradução “Pessoas que consultam astrólogos: Um perfil”

Pesquisa disponível em <<https://bit.ly/2DoI24e>> Acesso em 14/10/2019

²³ Do inglês: Associação Americana de Psicologia.

Estudo disponível em <<https://bit.ly/2qU1cfU>> Acesso em 14/10/2019

²⁴ Plataforma que propõe investigar a relação da astrologia com temas atuais, em busca de novas tendências

²⁵ Disponível em:

<https://www.peoplestrology.com/wp-content/uploads/2018/05/2018_PS_Report_1_PT_.pdf>

Acesso em 16/10/ 2019

conhecimento no tema não consegue nem conversar. Acho positivo, parte de jovens de mente aberta. A internet contribuiu, mas também abriu espaço para a disseminação de bobagens. Isso empobrece, promove uma caricatura e um preconceito do que são os signos²⁶.

Para o teórico Edgar Morin, os estudos dos astros retornam com toda força no mundo moderno por se tratar do que está fora de alcance da ciência, além da preocupação do autoconhecer e o do que pode compreender o futuro do indivíduo. "Esta nova gnose mexe com as nostalgias duma verdade perdida, a profecia apocalíptica, as esperanças dum novo mundo" (MORIN, 1972, p. 203).

Conforme a pesquisadora Titi Vidal, a astrologia é também um conhecimento hermético e uma metáfora que possibilita interpretar os acontecimentos da vida terrestre.

É um conhecimento que une céu e terra, microcosmos e macrocosmos, natureza e ser humano, mundo interior e exterior, passado e futuro. É uma ponte entre ambas as realidades. É também uma linguagem hipertextual, que permite que a narrativa seja interpretada por diversos caminhos, para várias direções (VIDAL, 2015, p. 65)

4.1. A popularização dos conceitos astrológicos

A astrologia está em alta e cada vez, é mais frequente encontrar pessoas que se definem a partir do signo, ascendente ou lua em redes sociais, como o *Instagram*, e em aplicativos de relacionamentos, como o *Tinder*. Para a pesquisadora Daniela Osvald Ramos (2002), mesmo com ciência cada vez mais desenvolvida no século XXI, é intensa a procura por assuntos esotéricos e a temática acaba pautando também os meios de comunicação.

Benedeiras, curandeiros, cartomantes, clarividentes e astrólogos ainda são consultados, apesar do racionalismo e dos progressos da ciência, que se transformou em um guia para as explicações do mundo. Mas é no imaginário que as superstições e as fantasias sobre o futuro sobrevivem, e aí está o espaço da crença popular na Astrologia, que, como comprovam várias pesquisas, faz parte da cultura da modernidade (RAMOS, 2002, p. 1).

²⁶ Entrevista disponível em:
<<https://www.uol/estilo/especiais/astrologia.htm#estudantes-de-astrologia-eles-ainda-vaio-decidir-seu-dia>>
Acesso em 22/09/2019

O horóscopo permanece em sites jornalísticos e na mídia impressa. Ele continua para consulta mensal, quinzenal ou diária dependendo da publicação. Quase sempre na última página das revistas, e ao lado das palavras cruzadas e dos demais jogos no jornal. Conforme Vidal (2015), as previsões diárias são grandes divulgadoras da astrologia.

É por causa do horóscopo que boa parte da população conhece a Astrologia e sabe um pouco sobre seu signo solar. Para muita gente, o horóscopo é o único contato com a Astrologia. Para outros, é a porta de entrada para o universo astrológico, pois aquelas poucas palavras geram a curiosidade para saber mais (VIDAL, 2015, p. 29).

No entanto, é possível o leitor encontrar com abundância alguma reportagem sobre astrologia nas primeiras páginas ou longos textos sobre o assunto em veículos digitais. O conteúdo das matérias vai de dicas de especialistas sobre como enfrentar ou aproveitar algum trânsito astrológico até análises de mapa astral de alguma personalidade em algum evento decisivo no cenário político, social, esportivo e do entretenimento.

Um exemplo recente de análise astral em um contexto político importante aconteceu em maio de 2017, na versão brasileira do jornal espanhol *El País*. Na ocasião, Juan Arias, jornalista do veículo, escreveu um artigo de opinião em que traçava o perfil do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e do juiz Sérgio Moro a partir da astrologia. Os dois se encontrariam no Tribunal de Justiça Federal do Paraná pela primeira vez na denúncia de corrupção e lavagem de dinheiro contra Lula, no caso do triplex de Guarujá, litoral de São Paulo.

No texto, Arias dizia que o julgamento estaria sob o signo de Touro e este estaria associado à estabilidade, força e leis. O jornalista também traçou o perfil do ex-presidente e do juiz com base no zodíaco:

Lula é de escorpião, signo intenso, sensual, com energia emocional, mas possessivo. Moro é de leão, o signo dominante do zodíaco. É o signo dos que se sentem vencedores e também ambiciosos. Os dois não podem ser mais diferentes: Lula é expansivo, Moro, contido. O ex-presidente é mediterrâneo e tropical, e o juiz, mais nórdico. Lula é fogo, Moro, gelo²⁷

²⁷ Disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/05/08/opinion/1494266231_567836.html>
Acesso em 17/10/2019

O jornal *Extra* decidiu fazer uma análise astral sobre um evento. Para edição de 2019 do *Rock in Rio*, a publicação consultou astrólogos que decretaram: o festival tem Sol em Libra, ascendente em Aquário e Lua em Virgem.

É um aspecto bem bacana por se tratar de um evento internacional. Pelo próprio ascendente em Aquário, porque esse signo tem a ver com grupos, é bastante rebelde e tem muita ligação com o espírito da galera. A meteorologia pode dar mais detalhes sobre essa questão da chuva. Aqui no mapa astral não vejo nada que possa sugerir temporal, tempestades, alagamentos... De modo geral, gosto muito do ascendente em Aquário para deixar um clima mais Woodstock, festival que aconteceu em 1969, numa fazenda na cidade de Bethel, em Nova York, nos Estados Unidos²⁸

Já a *Folha de S.Paulo*, optou por dar dicas para enfrentar o temível trânsito astrológico Mercúrio retrógrado, em novembro de 2019. O título da matéria dizia: *Mercúrio retrógrado inicia dia 31 com desafios à comunicação e menos clareza nas decisões*²⁹. No texto, Marcia Fervienza alertava que o período seria um convite para revisão de diversos aspectos da vida e poderia haver desafios na comunicação. Entre o período, de 30 de outubro e 1 de novembro deste ano, notícias sobre o assunto foram publicadas no *Uol*, *O Dia*, *Terra*, *Veja*, *Metrópolis*, *Metro Jornal*, *O Tempo*, entre outros.

Nessa época, não é aconselhável comprar celulares, computadores, automóveis, motocicletas, eletrodomésticos, adie assinatura de documentos importantes, especialmente contratos e não começar nada, a menos que venha negociando algo já há algum tempo ou que alguém do passado retome um projeto ou convite. Os imprevistos são frequentes, provocando atrasos, mal entendidos e cancelamentos. O lado bom de Mercúrio é a retomada de projetos, situações e pessoas, que ficaram no passado e retornam para uma solução, seja de relacionamentos, seja de projetos profissionais³⁰

²⁸ Disponível em:

<<https://extra.globo.com/tv-e-lazer/rock-in-rio/rock-in-rio-tem-mapa-astral-com-sol-em-libra-ascendente-em-aquario-23974817.html>> Acesso em 17/10/2019

²⁹ Disponível em

<<https://f5.folha.uol.com.br/astrologia/2019/10/mercurio-retrogrado-inicia-dia-31-com-desafios-a-comunicacao-e-menos-clareza-nas-decisoes.shtml>> Acesso em 31/10/2019

³⁰ Disponível em

<<https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/horoscopo/astrologia/mercurio-comeca-movimento-retrogrado-dificuldades-a-vista,fd4151465f5e0b06d74a97ac3e573b4flnwad1re.html>> Acesso em 31/10/2019

Mas, o que é Mercúrio retrógrado? O trânsito astrológico acontece quando Mercúrio realiza um movimento de retrocesso em relação a quem observa o planeta a partir da Terra. A retrogradação ocorre 24 dias a cada 88. Segundo os astrólogos, na retrogradação de Mercúrio, planeta responsável pela comunicação, atrasos, desentendimentos por falas incompreendidas, falhas na tecnologia, problemas em negociações são algumas das complicações do período. E por quê ele viraria pauta de tantas publicações?

A divulgação sobre astrologia na mídia vai de encontro ao crescimento das buscas mais refinadas sobre a astrologia na Internet. Em pesquisa ao *Google Trends*³¹, é possível notar que termos como mapa astral, Mercúrio retrógrado, retorno de Saturno, inferno astral, entre outros assuntos específicos da área, tiveram um aumento de interesse por internautas nos últimos cinco anos.

Em entrevista ao programa *Mundo S/A*, da *GloboNews*, Carolina Senna, sócia-fundadora do *Personare*, maior portal de autoconhecimento do Brasil e tem a astrologia como carro-chefe, afirmou que a busca por mapa astral no site dobrou de 2015 até 2019. De acordo com a empresária, a tecnologia personalizou a relação do indivíduo com os astros.

Quando a gente fala de signo, a gente está falando de alguém que nasceu em um determinado mês. Quando a gente foi para a Internet, a gente conseguiu personalizar e isso trouxe a personalidade e assertividade da astrologia. E a gente teve mais tempo para falar sobre temas que antes não era falado, por exemplo, mercúrio retrógrado³²

Stella Bugbee, presidente e editora-chefe do site feminino *The Cut*, contou³³ em entrevista ao *The Atlantic* em janeiro de 2018, que o tráfego na seção de horóscopos do portal, em 2017, cresceu 150% em relação ao ano anterior. Considerada a astróloga mais famosa do mundo, Susan Miller contabiliza mais de 300 milhões de visualizações por ano no seu site *Astrology Zone*. No portal, a estudiosa dos astros compartilha previsões

³¹ Ferramenta do Google que mostra os mais populares termos buscados em um passado recente

³² Disponível em:

<<http://g1.globo.com/globo-news/mundo-sa/videos/v/mundo-sa-mostra-o-mercado-da-astrologia-digital/7787249>> Acesso em 15/09/2019

³³ Entrevista disponível em

<https://www.theatlantic.com/health/archive/2018/01/the-new-age-of-astrology/550034/>

mensais, que são aguardadas ansiosamente por seus seguidores. No Brasil, o *Personare* também segue em uma crescente e acumula três milhões de acessos únicos, de acordo com a empresa em entrevista à *GloboNews*³⁴.

A busca pelo autoconhecimento por meio da Astrologia muitas vezes se dá a partir de um outro fenômeno das Internet: o meme³⁵. Conforme informações do site *Personare*, metade dos acessos corresponde a usuários que já possuem uma base sobre o assunto e querem aprimorar seus conhecimentos e a outra metade é de curiosos que chegam ao portal depois de ter visto algum meme engraçado sobre o próprio signo em alguma rede social.

Imagem 3: Meme de cada signo com frases virais da Internet



Fonte: Astrolink³⁶

³⁴ Disponível em :

<<http://g1.globo.com/globo-news/mundo-sa/videos/v/mundo-sa-mostra-o-mercado-da-astrologia-digital/7787249> . Acesso em 15/09/2019

³⁵ Expressão usada para descrever um conceito de imagem, vídeos e/ou relacionados ao humor, que se espalha via Internet

³⁶ Disponível em <https://www.astrolink.com.br/>. Acesso em 3/11/2019

O pesquisador Viktor Chagas se debruçou em pesquisar essa nova forma de comunicar nas redes e quais são as suas consequências sobre a vida real. Em pesquisa sobre o impacto dos memes na campanha eleitoral de 2014, Chagas (2016) aponta que esses conteúdos midiáticos são capazes de difundir mensagens persuasivas, na tentativa de convencer as massas.

os memes políticos como fórmulas discursivas ou artefatos culturais que, a partir de uma interação com seus congêneres, e através de um processo de circulação em diferentes redes sociais, são capazes de despertar ou demonstrar o engajamento político do sujeito ou ainda socializá-lo com o debate público, através de uma linguagem metafórica e orientada à construção de um enredo ou enquadramento próprios, que fazem uso, muitas vezes, de referências da cultura popular (CHAGAS, 2018, p. 10).

A pesquisadora Paula Schuabb, no artigo *Meme e influência*, apresentado no Colóquio de Moda de 2018, por sua vez, analisou a influência dos memes na influência das pessoas, enquanto consumidoras, produtoras e propagadoras de conteúdos digitais, na circulação e no consumo de informações. A pesquisadora defende que eles circulam pelas redes em grupos e vão relacionando-se seja por um tema em comum, uma determinada imagem ou por sua estrutura narrativa. “Suas dinâmicas temporais variam conforme a própria cultura digital, em constante atualização, sujeita à instantaneidade das informações, à disputa pela atenção, à potência das viralizações, à efemeridade” (SCHUABB, 2018, p.7).

De acordo com Schuabb (2018), o digital permitiu um espaço de comunicação mais flexível, em troca de informações entre as pessoas num modelo todos-todos e este estilo de comunicar rompe barreiras, que acaba por influenciar comportamentos.

Ao observar o crescimento de perfis e páginas com enfoque em memes de astrologia, como *Não acredito em astrologia, mas* com mais de um milhão de curtidas e o grupo Vênus em LDRV com 136 mil integrantes, no *Facebook*, e o perfil *Astroloucamente* com quase três milhões de seguidores no *Instagram*, é possível aplicar a argumentação de Chagas (2018) e Schuabb (2018) de que os memes disseminam e propagam a mensagem astrológica.

4.2. Mercúrio nada retrógrado

A cada 28 anos, aproximadamente, Saturno retorna para o mesmo signo que estava no momento do nascimento de uma pessoa. Por ali, o planeta fica durante dois anos. O primeiro retorno é também conhecido como a “crise dos 30”. O momento é marcado por fins e inícios de ciclos, além de revisões sobre os rumos da vida. Saturno é o senhor do tempo e o tempo traz consigo sabedoria. Então, conforme os astrólogos, o segundo retorno tende a ser mais tranquilo que o primeiro e assim, consecutivamente.

Os infortúnios no mês que antecede o aniversário, por sua vez, já são justificados pelas pessoas com um trânsito astrológico, o inferno astral. Na astrologia, esse período é conhecido como um momento de fechar ciclo e irritação e confusão costumam marcar essa fase antes do início da próxima Revolução Solar, que começa quando o Sol estiver no mesmo grau, minuto e segundo do Sol no instante do nascimento, de acordo com Frances Sakoian e Acker (1993).

Os conceitos apresentados acima costumavam ser estudados apenas por astrólogos e curiosos que se dedicavam aos estudos sobre astrologia. Hoje, no entanto, com a tecnologia e as redes sociais, com seus influenciadores e memes, os trânsitos astrológicos já são usados pelas pessoas, ainda que elas desconheçam sobre os termos, e os usem para justificar o injustificável.

"As pessoas justificam milhões de coisas quando ‘Mercúrio está retrógrado’. As pessoas já brincam com coisas que eram de um clã fechado, de quem tinha lido um livro específico sobre astrologia”, afirmou Carolina Senna³⁷, responsável pelo site *Personare*, à *Globo News*.

Vale ressaltar, que ainda que astrologia possibilite algumas conclusões sobre eventos e fatos, o livre-arbítrio, as escolhas e as consequências dessas escolhas pelo indivíduo não devem ser jamais descartadas. Os astros não determinam, eles aconselham. E acerca dessas justificativas sobre escolhas que o sujeito se furta de agência sobre os seus atos, a crítica de Adorno (2007) se faz necessária:

³⁷ Disponível em:

<<http://g1.globo.com/globo-news/mundo-sa/videos/v/mundo-sa-mostra-o-mercado-da-astrologia-digital/7787249/>> Acesso em 15/09/2019

A sociedade é feita daqueles que ela abarca. Se as pessoas admitissem inteiramente o quanto dependem de condições criadas pelo homem, teriam de alguma forma de culpar a si mesmas, e reconhecer não apenas sua impotência, mas também que são a causa dessa impotência; teriam de assumir responsabilidades que hoje são extremamente difíceis de serem assumidas. Essa pode ser uma das razões pelas quais há tanta inclinação a projetar a dependência sobre alguma outra coisa, seja uma conspiração de banqueiros de Wall Street, seja, constelações estelares. (ADORNO, 2007, p. 175-176)

Além de popularizar os conceitos astrológicos, as redes sociais movimentaram o setor econômico. Para o mercado dos astros, Mercúrio não está nada retrógrado, a área de negócios já está avaliada em 2 bilhões de dólares, segundo pesquisa da *Ibis World*.³⁸ Hoje, há aplicativos, consultas online, diversos serviços produtos com a temática do Zodíaco e uma nova categoria profissional, o *astroinfluencers*.³⁹

De acordo com Castells, atividades econômicas, sociais, políticas e culturais estão sendo estruturadas pela Internet. E o autor destaca: “A influência das redes baseadas na Internet vai além do número de seus usuários: diz respeito também à qualidade do uso” (CASTELLS, 1999, p. 8).

A publicitária Isabella Mezzadri foi uma das precursoras das astrólogas influenciadoras⁴⁰. Ela criou, em 2015, uma conta no Instagram para dividir previsões astrais e disseminar os conceitos da Astrologia. Atualmente, com 385 mil seguidores, Isabella realiza cursos online, que custam na faixa de R\$ 300, e presenciais em torno de R\$ 600. A astróloga também é fundadora do *Astrojourney*, projeto de astrocartografia, que integra mapas astrais com o mapa mundial, mostrando locais que podem ser harmônicos ou desarmônicos para cada viver, bem como viajar.

Para Vidal (2015), os astrólogos usam cada vez mais as redes sociais para compartilhar conhecimento com o público, por meio de postagens com conteúdo astrológico diário. A pesquisadora destaca:

³⁸ Disponível em

<<https://www.bloomberg.com/news/articles/2019-03-20/can-new-sanctuary-app-become-the-headspace-of-astrology>> Acesso em 13/09/2019

³⁹ Astrólogos que também são influenciadores digitais. Com milhares de seguidores, eles falam sobre a Astrologia através do Instagram ou vídeos no YouTube

⁴⁰ O assunto será aprofundado no próximo capítulo

Provavelmente as narrativas astrológicas encontraram ressonância nas redes sociais, que permitem nitidamente esse *continuum*, essa repetição diária que apresenta a cada dia um novo conteúdo, criando um hábito e gerando um rito, com a vontade/necessidade de acompanhar cada capítulo dessa e de outra(s) narrativa(s) (VIDAL, 2015, p.116)

A partir de Isabella, vieram perfis de Madama Br000na, com quase 190 mil seguidores e AstroDica com 163 mil. Já no YouTube, Paula Pires conta com 40 milhões de visualizações. Para Ramos (2002), a Internet mudou a relação do astrólogo com quem os consulta, já que no virtual a intervenção é feita sem o contato humano, mas com o contato do usuário com a máquina.

O babalaô, por meio dos orixás, revela o futuro, o padre leva a confissão a Deus e traz a absolvição para o fiel e o astrólogo interpreta os astros para revelar o autoconhecimento que pode levar cada indivíduo a ter sucesso em várias áreas da vida e a superação das dificuldades. O padre, o babalaô e astrólogo conversam, explicam, negociam, com quem os consulta, há um contato humano e um caráter sagrado nesta relação – afinal, estas figuras entram em contato com o invisível e com o que está “acima” de nós – deuses e astros (RAMOS, 2006, p.6)

De acordo com Ramos, a Internet é um meio de comunicação privilegiado em elementos que favorecem a busca pessoal. A individualidade no virtual poderia ser vista na forma como nos colocamos na frente do computador. “Sozinhos e não agrupados como pode acontecer com a televisão, por exemplo, ou na leitura do jornal, quando os cadernos de cada edição podem ser desmembrados e lidos por mais de uma pessoa” (RAMOS, 2006, p. 14).

E autora conclui que o quê aparentemente parece solitário no plano físico é amenizado pelo contato virtual com uma rede de computadores interligada ao mundo todo: “A Internet acaba sendo um meio realmente importante na vida das pessoas que o utilizam como uma forma de contato comunicacional com o mundo – uma mediação, portanto” (RAMOS, 2006, p.14).

Um cenário, aparentemente mais solitário que a Internet, mas com recursos sofisticados de mediação virtual, por meio de alertas, notificações e bate-papos com robôs,

é o dos aplicativos. Nos Estados Unidos, o *Sanctuary*⁴¹ surgiu após o sucesso de um robô astrólogo para o aplicativo de mensagens do Facebook. Agora aplicativo, ele oferece além dos horóscopos diários gratuitos, assinaturas mensal no valor de 19,99 dólares ou anual no valor de 199,99 dólares que dão acesso a leituras feita por uma equipe de astrólogos especializados. Estima-se que a empresa tenha faturado 1,5 milhão de dólares neste ano.

No Brasil, o destaque dos aplicativos com conteúdo sobre Astrologia fica com o Astrolink. Lançado em fevereiro de 2019, ele já contabiliza mais de 100 mil downloads e tem no seu conteúdo mapa astral completo e horóscopo diário personalizado. O serviço tem amostras gratuitas e assinaturas para plano semestral de R\$ 11,90 ao mês, e plano mensal de R\$19,90. A assinatura permite ao usuário ciclo lunar, trânsitos astrológicos futuros e análise de compatibilidade amorosa a partir de outros mapas.

Os astros estão em alta e conforme Morin, eles não são uma tendência passageira: “A astrologia não é um folclore residual que a sociedade vá fazer desaparecer” (MORIN, 1972, p. 187). E o filósofo conclui: “A astrologia moderna, em conclusão, não pode ser considerada uma moda superficial ou uma superstição de ignorância” (1972, p. 215). E no que depender do universo virtual, as previsões astrais estarão cada vez mais personalizadas, funcionais e acessíveis para aqueles que quiserem consultar o céu e os seus trânsitos.

⁴¹Disponível em <<https://veja.abril.com.br/tecnologia/horoscopo-internet-astrologia-startups/>> Acesso em 10/10/2019

5. ASTROINFLUENCERS

Conforme foi mencionado no capítulo anterior, as redes sociais impulsionaram uma nova forma de acessar e divulgar a astrologia. Atualmente, há uma nova geração de astrólogos descomplicando os conceitos astrológicos por meio de memes, publicações no *Instagram*, vídeos no *Youtube*, podcasts no *Spotify* e consultas astrais no *WhatsApp*. Segundo uma pesquisa feita pelo *Peoplestrology*⁴², nomes clássicos como Susan Miller e *Personare* continuam sendo autoridades no assunto astrologia, mas os influenciadores digitais da astrologia, chamados de *astroinfluencers*, são cada vez mais buscados por aqueles que buscam o conhecimento do estudo das estrelas.

Acerca dos influenciadores digitais, a pesquisadora Isaaf Karhawi, no artigo *Influenciadores digitais: conceitos e práticas em discussão*, explica que a terminologia influenciador digital surgiu em 2015 em uma guinada discursiva.

Até 2014, blogueiras de moda eram conhecidas apenas como blogueiras de moda ou bloggers. O mesmo para blogueiros de outros nichos; de games à decoração. Aqueles que trabalhavam com produção de conteúdo em outras plataformas, como o YouTube, por exemplo, eram, por sua vez, vlogueiros ou vloggers. Em 2015, no entanto, inicia-se um movimento de redefinição de nomenclaturas profissionais (KARHAWI, 2017, p. 48)

Ainda segundo Karhawi, um dos motivos para o termo influenciador digital passar ser usado frequentemente está relacionado à entrada de novos aplicativos na esfera de produção desses profissionais que deixaram de se restringir a apenas uma plataforma. “Em 2015, o Snapchat – lançado em 2011 – alcançou números importantes de uso entre os internautas brasileiros, o que levou os blogueiros e vlogueiros a participarem também dessa plataforma” (KARHAWI, 2017, p. 53). E a pesquisadora define o cenário dos influenciadores: “No escopo dos influenciadores digitais, assume-se que há sempre produção de conteúdo”(KARHAWI, 2017, p. 54).

Os astrólogos começaram a usar as redes sociais para publicarem o seu sobre conteúdo sobre a astrologia e o alcance da mensagem tem sido cada vez maior. Uma

⁴² Disponível em:

<https://www.peoplestrology.com/wp-content/uploads/2018/05/2018_PS_Report_1_PT_.pdf> Acesso em 20/10/2019

reportagem da *Al Jazeera* reforçou esse novo panorama dos astrólogos influenciadores e ressaltou que eles ocupam papel de destaque na popularização da astrologia e listou os que mais exercem influência no ambiente digital⁴³, como a americana Chani Nicolas.

A *astroinfluencer* feminista e ativista LGBTQ, que conta com 300 mil seguidores no Instagram, foi descrita como uma mulher que traz justiça social à astrologia com questões de gênero, em uma matéria em junho de 2018, na edição americana da revista *Rolling Stone*.

Nicholas, 42 anos, está transformando horóscopos de generalizações sobre encontrar amor verdadeiro e tropeçar em sorte financeira em apelos direcionados à ação com uma agenda de justiça social de esquerda. Sediada em Los Angeles, ela tem mais de 100.000 seguidores no Instagram e um blog com até um milhão de leitores mensais. Ela fala sobre ativismo na maioria das suas publicações, apelando para uma geração particularmente interessada em questões como racismo, sexismo e controle de armas⁴⁴

De acordo com o levantamento do *Peoplestrology*⁴⁵, as *astroinfluencers* ascendem no horizonte das influenciadoras feministas. A pesquisa ainda indica os astrólogos mais citados na pesquisa, como Amber Khan, Mainá Mello, *The AstroTwins*, entre outros. O trabalho abordará a seguir as *astroinfluencers* brasileiras Isabella Mezzadri, a precursora da astrologia nas redes sociais, e Br000na, a queridinha dos *millenials*.

5.1. Isabella Mezzadri

A astrologia sempre esteve presente na vida da *astroinfluencer* Isabella Mezzadri, de 26 anos. A paulistana é filha do também astrólogo, há mais de 30 anos, Luís Louceiro. Em entrevista à *Glamour*⁴⁶, Isabella disse que sua relação com os astros iniciou antes

⁴³ Disponível em <<http://stream.aljazeera.com/story/201904291659-0025834>> Acesso em 21/10/2019

⁴⁴ Tradução da autora. Matéria disponível em:

<<https://www.rollingstone.com/culture/culture-features/meet-the-woman-bringing-social-justice-to-astrology-629153/>> Acesso em 21/10/2019

⁴⁵ Disponível em:

<https://www.peoplestrology.com/wp-content/uploads/2018/05/2018_PS_Report_1_PT_.pdf> Acesso em 22/10/2019

⁴⁶ Entrevista disponível em:

<<https://revistaglamour.globo.com/Na-Real/noticia/2019/01/como-isa-mezzadri-se-transformou-em-uma-das-maiores-astrologas-e-influencers-da-internet.html>> Acesso em 23/10/2019

mesmo dela nascer: o pai programou o nascimento da filha para que eles tivessem o mesmo signo, Leão. No entanto, o estudo dos astros não foi a primeira opção da jovem.

Em 2011, ela começou a estudar Publicidade e Propaganda na Universidade de São Paulo (USP), mas três anos depois, com a falta de identificação com a profissão, Isabella se transformaria na precursora das astrólogas nas redes sociais. Em 2014, a paulistana iniciou o *Invertisa* no Instagram, um trocadilho com seu nome e sua posição preferida na prática da yoga. O perfil tinha foco além dos astros, a yoga, bem-estar e viagens. Em entrevista ao *Meu Favorito*, quando ainda tinha 10 mil seguidores (hoje, ela tem 386 mil), a paulistana disse que decidiu se lançar na Internet após se desencantar com o ambiente das agências publicitárias.

A ideia começou a surgir quando eu estava muito desmotivada em uma agência que trabalhei. Eu não estava em uma área que me realizava e também estava sob uma pressão muito grande, e conforme os dias passavam eu ficava cada vez mais infeliz. Tudo em que eu pensava era: "queria estar dando aula de yoga na praia. Queria estar fazendo o que me faz feliz!" Em um belo dia, decidi me demitir, ainda que não tivesse outro trabalho em vista. Na mesma semana, criei o *Invertisa*⁴⁷

À *Glamour*, Isabella disse que decidiu viver da astrologia em 2015, quando não recebia nada ainda nas redes sociais. Pouco tempo depois, a vontade virou profissão. Em 2017, ela passou a usar o seu nome de nascimento em seu perfil no Instagram. As previsões astrais e análises sobre os trânsitos astrológicos viraram o principal conteúdo produzido pela influenciadora.

E o famigerado Mercúrio Retrógrado acabou! Alguém aí passou maus bocados com ele? Falou muita coisa sem pensar ou teve muitos mal entendidos? Teve algum problema com compras / vendas ou eletrônicos? Ou coisas (e pessoas) voltando do passado? A parte de Mercúrio Retrógrado mais conhecida é essa, mas a verdade é que MR sempre vem para trazer muitas transformações importantes na nossa vida⁴⁸

⁴⁷ Disponível em <<http://meufavorito.blogspot.com/2014/12/entrevista-isabella-mezzadri-invertisa.html>> Acesso em 23/10/2019

⁴⁸ Disponível em <<https://www.instagram.com/p/BdFXbG9lkqB/>> Acesso em 23/10/2019

As publicações de Isabella recebem milhares de curtidas e comentários, muitos deles, com dúvidas sobre astrologia: “O que minha Vênus em Sagitário significa?”; “O que significa o signo ascendente?”; “Como Mercúrio Retrógrado influenciará meu signo?”. Diante dos vários questionamentos, a astróloga decidiu ministrar aulas de astrologia. A primeira aconteceu com a ajuda do pai, em fevereiro de 2016.

Na entrevista à *Glamour*, a astróloga contou que a primeira edição reuniu 24 pessoas, a segunda 30 e a última edição daquele ano contou com 100 pessoas. Diante do sucesso, em 2017, Isabella criou um curso online para que os participantes aprendessem conceitos básicos do estudo dos astros e aprendessem ler o próprio mapa natal. Essa é a grande disrupção da *astroinfluencer* para os demais astrólogos.

Isabella não faz consultas astrais ou leituras de mapas personalizadas. A sua prática astrológica acontece por meio das redes sociais, com explicações sobre os trânsitos e o céu do momento em sua conta no Instagram. Às vezes com transmissão ao vivo, em outras na ferramenta do *Stories*, e de forma menos espontânea e mais objetiva, com o *Energias do Mês*, que tem previsões mensais e dicas para se programar melhor para uma viagem ou reunião de negócios. A astróloga também é defensora que cada pessoa aprenda interpretar seu mapa, por isso, oferece cursos online e presencial, que custam na faixa de R\$ 300 e R\$ 600 respectivamente.

Além de ser a precursora das *astroinfluencers*, Isabella também tem sido a responsável por divulgar uma nova corrente da astrologia no Brasil, a astrocartografia. A prática integra mapas astrais com o mapa mundial, mostrando locais que podem ser harmônicos ou desarmônicos para cada viver, bem como viajar.

Após ser certificada mundialmente em astrocartografia na *United Astrology Conference*⁴⁹ (UAC), em 2018, a astróloga criou um novo curso online e presencial sobre a temática e criou uma empresa, a *Astrojourney*, para centralizar todos os seus projetos.

A aventura começa dentro de nós. Investindo em autoconhecimento, encarando a rotina com mais encanto, fazendo o nosso melhor a cada dia. E eu espero que cada conteúdo e projeto da *Astrojourney* possa te inspirar a enxergar a vida cada vez mais com esse olhar⁵⁰

⁴⁹ Conferência anual de astrologia que acontece nos Estados Unidos

⁵⁰ Disponível em < <https://astrojourney.com.br/#projeto> > Acesso em 23/10/2019

Isabella é a astróloga influenciadora brasileira mais seguida do Instagram e é frequentemente consultada como fonte para matérias sobre a temática dos astros. Aos poucos, a jovem tem colocado a astrocartografia em foco na imprensa. Em setembro deste ano, a *Folha de S.Paulo*⁵¹ fez uma reportagem com ela sobre os destinos que combinam com os 12 signos do zodíaco. No mundo das *astroinfluencers*, o céu é o limite.

Antes achava que propósito era só uma coisa, um dom, mas hoje sei que nosso propósito vai se transformando ao longo da vida e de acordo com o que precisamos aprender no momento. O meu, por exemplo, já foi passar no vestibular. Hoje, é transmitir conteúdo para ajudar as pessoas a se autoconhecerem e serem felizes.⁵²

5.2. Madama Brona ou Br000na

Ao contrário de Isabella Mezzadri, a *astroinfluencer* Madama Brona ou Br000na, como é conhecida nas redes sociais, não tem uma longa história com os astros. Pelo contrário, em entrevista à pesquisa do *Peoplestrology*, Bruna Paludo, nome de batismo da astróloga de 31 anos, afirmou que entrou na astrologia para questionar a influência dos astros sobre a vida terrestre, contudo, o objetivo foi modificado ao longo da sua trajetória nos estudos do cosmo.

Eu entrei na Astrologia pra provar como era tudo bobagem. E disso eu nunca saí. Por muito tempo eu neguei esse pensamento mágico, achando que isso me deixava infantilizada. Pra mim a Astrologia não é uma ciência, é uma arte. Eu uso a Astrologia para falar sobre cultura e sobre coisas que eu sinto, de um jeito bem livre⁵³

A gaúcha de Passo Fundo, que é formada em direito, chegou a trabalhar como advogada onde atuava com questões de gênero, como retificação de nomes de transexuais e

⁵¹ Disponível em

<<https://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2018/09/1981575-astrologa-isabella-mezzadri-revela-os-melhores-destinos-para-viajar-para-os-12-signos-do-zodiaco.shtml>> Acesso em 25/10/2019

⁵² Disponível em

<<https://revistaglamour.globo.com/Na-Real/noticia/2019/01/como-isa-mezzadri-se-transformou-em-uma-das-maiores-astrologas-e-influencers-da-internet.html>> Acesso em 23/10/2019

⁵³ Disponível em

<https://www.peoplestrology.com/wp-content/uploads/2018/05/2018_PS_Report_1_PT_.pdf> Acesso em 23/10/2019

na defesa de vítimas de violência doméstica. Em entrevista à *Glamour*, Brona contou que o despertar para a astrologia veio após o seu ex-marido lhe dar um livro sobre a temática.

A leitura, no entanto, mudou o rumo de sua vida. Brona deixou o emprego, o casamento e foi para São Paulo. Ela se debruçou sobre a astrologia e, por incentivo de amigos, iniciou um canal no *Youtube* e passou a postar horóscopo no *Instagram*, em 2017.. O canal tem 43 mil inscritos e seu perfil no Instagram tem 191 mil seguidores.

Em entrevista ao *Metrópoles*, a astróloga contou que quando compartilhou a previsão astral em 2017 tinha mil seguidores, contudo, ela logo viu os números aumentarem. Em março de 2018, Brona passou a produzir conteúdos de astrologia para a *Vice Brasil* e a partir de junho daquele ano, na revista *Elle*.

E qual seria o motivo do sucesso da *astroinfluencer* do signo de Touro? Brona aposta nos memes da Internet como elemento visual para divulgar suas previsões astrais.

Alguém na internet disse que a pior coisa que aconteceu à astrologia e aos memes foram os memes astrológicos. Tudo precisa ter limite, mas a galera não tem muito discernimento e acaba esvaziando um pouco essa ciência que é milenar por causa de uma piada. Uso meme para contextualizar meus textos astrológicos na intenção de fazer rir. Não é para levar aquilo tão a sério. Rir é muito potente, pois tira a tensão das coisas. A parte engraçada é a mais terapêutica. Para mim, meme é arte contemporânea, é uma forma nova de poesia. Tenho responsabilidades, mas não dá para ficar tudo nas minhas costas, né? As pessoas precisam ter discernimento⁵⁴

A astróloga também rejeita os argumentos deterministas de que as pessoas são como são por causa dos signos e de que as previsões do horóscopo deve atingir todos os seres de um determinado signo do zodíaco, conforme a previsão abaixo.

período favorece transformações profundas e nos aproxima das bruxarias e feitiçarias. Escorpião é a casa do mistério, da intuição e do poder pessoal. A transformação aqui ocorre de dentro para fora. Lembrando que: esse horoscopinho é apenas um guia de autoinvestigação, debochado e incompleto. Ninguém sabe mais da sua vida do que você mesma!⁵⁵

⁵⁴Disponível

<<https://f5.folha.uol.com.br/astrologia/2019/06/madama-br000na-diz-que-mercurio-retrogrado-em-leao-pede-escutar-mais-do-que-falar.shtml>> Acesso 26/10/2019

⁵⁵ Disponível em <https://www.instagram.com/p/B4M_Mb3JFTF/> Acesso em 01/11/2019

Para Madama Brona, seus seguidores estão atrás de uma espiritualidade mais livre, distante da moral e da dicotomia do certo e errado. e da dicotomia do certo ou errado.

Desde 2013 estamos em crise e vivemos em constante instabilidade. A tendência é que tudo deva seguir assim por mais um tempo. Em momentos de turbulência, a gente se volta para a fé. Tomamos muito ansiolítico, temos ansiedade, depressão e a astrologia surge como uma alternativa para se conhecer e se entender, achar um propósito no meio de tanta mudança⁵⁶

Segundo a influenciadora, a astrologia deve ser encarada como um GPS. "Você não precisa seguir à risca o caminho que ele te dá, mas serve como guia para tomar decisões", disse Brona à *Folha de S.Paulo*⁵⁷. Atualmente, Madama Brona produz conteúdo astrológico para o *YouTube*, *Instagram*, o podcast *Mercúria*, no *Spotify*, e uma coluna mensal na revista *Glamour*.

⁵⁶ Disponível em

<<https://www.metropoles.com/vida-e-estilo/comportamento/madama-brona-a-astrologa-moderninha-que-a-geracao-millennial-ama>> Acesso em 25/10/2019

⁵⁷ Disponível

<<https://f5.folha.uol.com.br/astrologia/2019/06/madama-br000na-diz-que-mercurio-retrogrado-em-leao-pede-escutar-mais-do-que-falar.shtml>> Acesso em 26/10/2019

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho até aqui desenvolvido se propôs debruçar sobre a vivência astrológica no cotidiano, tendo o estudo das mídias como fio condutor desta experiência. Do horóscopo, com as previsões coletivas diárias, ao mapa astral, que personaliza a relação do indivíduo com o cosmos. A divulgação da astrologia acontece na comunicação por meio dos jornais, revistas, sites, aplicativos, redes sociais e com os influenciadores digitais.

Ao revisitar a história da astrologia, do seu surgimento aos dias atuais, notou-se que o estudo dos astros não sofreu grandes alterações nos seus conceitos. Os signos surgiram a partir dos babilônios, na Mesopotâmia, com criação de um sistema que cruzava os ciclos solares e lunares, que resultou em 12 faixas no céu. E posteriormente, com a disseminação do conhecimento para o Egito, Grécia Antiga e Império Romano, nasceu o zodíaco que temos hoje. Eles seguem sendo regidos pelos mesmos planetas e com as mesmas casas zodiacais - com exceção da inserção dos planetas Urano, Netuno e Plutão na astrologia moderna.

O trabalho permitiu observar que a astrologia se adaptou às formas de comunicação. Os seus conceitos, ora reduzidos para massificar, ora complexos para personalizar, resistiram ao longo dos anos. O estudo dos astros não só mantém os seus arquétipos mitológicos desde os seus primórdios, como existe como crença, como previsão e como fonte de autoconhecimento para aqueles que o buscam. Seja como filosofia, religião ou pseudociência.

A astrologia se firmou como área independente com as suas próprias leis. Se ela foi rechaçada pela astronomia na Idade da Razão, hoje, ela tem a autonomia para manter Plutão como planeta regente, embora ele tenha sido excluído do Sistema Solar, pela astronomia.

Conforme foi abordado no terceiro capítulo, a astrologia viveu um *boom* nos últimos cinco anos. Ela se popularizou no mundo virtual, usando ferramentas comunicacionais, como por exemplo, o aplicativo de celular que personalizou a experiência com os astros, com os grupos e páginas nas redes sociais, com os *astroinfluencers* que descomplicam a temática por meio da linguagem virtual, com os

memes que geram identificação através do humor e com as consultas online por meio do *WhatsApp*.

Vale ressaltar, que ao levantar a bibliografia para esta pesquisa foi uma surpresa descobrir que os grandes teóricos da comunicação como Theodor Adorno, Roland Barthes e Edgar Morin se dedicaram à temática. As obras, no entanto, são pouco conhecidas e a temática, embora crescente nas mídias, é pouco pesquisada no campo da comunicação, ainda que Morin já tenha alertado que os astros não são uma tendência passageira e astrologia não é folclore.

Para acompanhar e tecer conclusões sobre o futuro dos astros seria necessário debruçar sobre outras pesquisas e aprofundar os temas neste trabalho. Para uma melhor percepção da relação da astrologia com a comunicação, do ponto de vista acadêmico, sugiro como pesquisas futura aprofundar temas como: a popularização da astrologia nos anos 2010 a partir dos memes; os influenciadores digitais e o *boom* da astrologia.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. **As estrelas descem à Terra: a coluna da Astrologia do Los Angeles Times – um estudo sobre superstição secundária**. São Paulo: Unesp, 2007.

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Tradução: Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1985.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Difel, 2012.

BORDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

BITTENCOURT, Getulio. **À luz do céu profundo: Astrologia e política no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Era, 1998.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHAGAS, Viktor. A febre dos memes de política. In: **Revista Famecos**, v.25, Porto Alegre, p. 1-26, 2018.

CORDEIRO, Danúbia. O gênero horóscopo em revistas femininas: os atravessamentos discursivos e a construção da imagem da mulher. In: **Revista Discursividades**, v.1, Campina Grande, p. 43-67, 2017.

_____. **A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

FISHLER, CLAUDE. A Astrologia de massa. In: MORIN, Edgar; et ali. **O retorno dos astrólogos**. Lisboa: Moraes, 1972, p. 29-66.

_____. Astrologia e Sociedade. In: MORIN, Edgar; et ali. **O retorno dos astrólogos**. Lisboa: Moraes, 1972, p. 111-136.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

JUNG, Carl. G. **Sincronicidade**. 18ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012a.

KARHAWI, Isaaf. Influenciadores digitais: conceitos e práticas em discussão. In: **Revista Comunicare**, v.17, São Paulo, p. 47-61, 2017.

MORIN, Edgar; CASSÉ, Michel. **Filhos do céu: entre vazio, luz e matéria**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008

MORIN, Edgar; DEFRANCE, Philippe; FISCHLER, Claude; PETROSSIAN, Lena. **O retorno dos astrólogos**. Lisboa: Moraes, 1972.

RAMOS, Daniela Osvald. **Astrologia on-line: um estudo da mediação tecnológica**. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

SAKOIAN, Frances; ACKER, Louis. **O manual do astrólogo**. São Paulo: Ágora, 1993.

SCHUABB, Paula. Memes e influência - o poder dos consumidores como produtores e propagadores de conteúdos. In: COLÓQUIO DE MODA. Anais do XIV do Colóquio de Moda. Curitiba, Paraná: PUC-PR, 2018.

SICUTERI, Roberto. **Astrologia e mito: símbolos e mitos do zodíaco na psicologia profunda**. São Paulo: Pensamento, 1994.

STAUDT, Ana Júlia. **Discurso astrológico: condições de produção e interdiscurso no horóscopo das revistas Capricho e Claudia**. Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2017.

STUCKRAD, Kocku von. **História da astrologia: Da Antiguidade aos nossos dias**. São Paulo: Globo, 2007.

SUZUKI, Marilha Maneschy. **Astrologia no Brasil: os caminhos da história no céu austral**. Rio de Janeiro: Interciência, 2007.

VIDAL, Titi. **Narrativas do Céu: A presença da Astrologia nos meios de comunicação**. Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2015.